

MEDITAÇÕES PARA O PÔR DO SOL
2026



Vivendo para a
Glória de Deus!

MEDITAÇÕES PARA O PÔR DO SOL 2026

Vivendo para a
Glória de Deus!

Autor
Josanan Alves

Ministério de Mordomia Cristã da
Divisão Sul-Americana

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP
2026

© Todos os direitos reservados ao Ministério de Mordomia Cristã da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Administração: Stanley Arco, Edward Heidinger e Edson Erthal de Medeiros

Coordenação Geral: Josanan Alves de Barros Júnior

Coordenação Editorial: Diogo Cavalcanti

Editoração: André Vasconcelos e Oscar Lopes

Revisão: Ruben Dargã Holdorf

Edição de Arte: Thiago Lobo

Projeto Gráfico: Fernando De Lima

Capa: Thiago Lobo | Imagem generativa

Imagem da Capa: Adobe Stock

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

1ª edição

2026

Os textos bíblicos citados neste material foram extraídos da versão Nova Almeida Atualizada, salvo outra indicação.



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

Tipologia: Meta Pro, 8,8/12 – 11782/50999

meu pacto solene

- RESERVAR os primeiros momentos de cada dia para estar em comunhão com o Senhor através da oração, do estudo da Bíblia, do Espírito de Profecia e da Lição da Escola Sabatina.



- ESCOLHER dois momentos do dia para a oração, o culto pessoal e/ou o culto familiar.

• Manhã: _____ h. • Noite: _____ h.



- CRIAR um hábito saudável para servir melhor ao Senhor através do meu corpo e da minha mente.

• Meu novo hábito: _____



- USAR os meus dons para compartilhar as boas-novas da salvação com outras pessoas.



- GUARDAR o sábado, preparando-me adequadamente na sexta-feira, respeitando seus limites e mantendo atividades e pensamentos apropriados.



- DEVOLVER fielmente 10% de toda a minha renda como dízimo ao Senhor.



- DEDICAR uma porcentagem regular da minha renda (%) como uma oferta ao Senhor.



Nome:

Data:

TUDO POR
AMOR
A ELE



APRESENTAÇÃO

*Portanto, se vocês comem, ou bebem ou fazem qualquer outra coisa,
façam tudo para a glória de Deus. 1 Coríntios 10:31*

A vida cristã não se resume apenas a momentos de culto ou a atividades específicas dentro da igreja. A verdadeira essência de viver para a glória de Deus está presente em cada detalhe do nosso cotidiano: no trabalho, nos relacionamentos, nas escolhas e até nas pequenas ações. O apóstolo Paulo nos lembra que tudo o que fazemos deve ser para a honra de Deus, seja em tarefas grandes ou pequenas. Esse versículo nos desafia a refletir sobre como nossas atitudes podem refletir a bondade, a santidade e o amor de Deus em um mundo que frequentemente se esquece Dele.

Em meio à agitação da vida moderna, em que o tempo parece escorrer entre os dedos e as preocupações nos consomem, o sábado surge a cada semana como um oásis de paz. Mesmo após uma semana cheia de tarefas e compromissos, o culto ao pôr do sol deve ser um momento especial de paz e união no lar. As *Meditações Para o Pôr do Sol* oferecem uma reflexão semanal, conduzindo-nos a contemplar a preciosidade do tempo, a importância de cultivar o contentamento, o valor da gratidão e a necessidade de reconhecer a soberania de Deus em todas as áreas de nossa vida. É fundamental que os cânticos e o estudo da Bíblia durante o culto do pôr do sol fiquem gravados na memória da família. Esses momentos não são apenas recordações, mas alicerces essenciais da fé que devemos cultivar e transmitir à nossa família.

Cada meditação é um convite para desacelerar e abrir o coração à voz de Deus. Em meio à beleza do pôr do sol, somos convidados a refletir sobre nossas escolhas, a reavaliar nossas prioridades e a renovar nosso compromisso com o Criador. A cada semana somos desafiados a nos perguntar: Estou vivendo para a glória de Deus em todos os aspectos? Minhas escolhas diárias refletem um compromisso genuíno com Seu reino? Que por meio de nossas ações e atitudes sejamos instrumentos de Sua paz e amor, demonstrando Sua glória em cada instante.

Que Deus lhe conceda um novo ano abençoado, e que você tenha, a cada semana, um sábado feliz!

Acesse o QR Code e encontre diversos recursos relacionados às meditações para o pôr do sol.



Josanan Alves
Mordomia Cristã
Divisão Sul-Americana

O TRONO QUE IMPORTA

Imediatamente eu meachei no Espírito, e eis que havia um trono armado no Céu, e alguém estava sentado no trono. Apocalipse 4:2

Vivemos em um mundo onde tronos terrenos ganham destaque. Decisões presidenciais, decretos reais, eleições e instabilidades políticas moldam o noticiário e nossos pensamentos. Em meio a isso, muitos vivem em constante tensão, buscando segurança em quem ocupa posições de autoridade.

João, exilado e isolado em Patmos, é surpreendido por uma visão gloriosa: ele vê um trono no Céu; e mais importante do que o trono, ele vê alguém assentado nele. Essa imagem muda tudo. O Universo não está à deriva. O trono mais importante de todos não está vazio. Deus reina. Sua soberania está ativa, presente, viva.

Na época de João, os cristãos estavam sob a ameaça constante de imperadores tiranos. Quem se assentaria no trono de Roma? Seria alguém mais cruel que Nero ou Domiciano? Para aqueles primeiros leitores, ouvir que havia um trono eterno e um Rei justo assentado nele trouxe alívio, esperança e força para perseverar.

Hoje, nossa realidade não é tão diferente. Ainda nos preocupamos com quem governa nosso país, com leis que afetam nossa fé e com decisões que impactam nossa vida. Mas o trono celestial nos lembra que há um Rei acima de todos os reis. Seu trono é eterno, justo e cheio de misericórdia. A visão de João continua sendo uma mensagem de conforto: Deus está no controle. Isso deve nos dar paz e segurança a cada dia.

Mas além do trono celestial, há outro trono que merece atenção: o do nosso coração. Quem está sentado nele? Nossos próprios desejos? O medo? Deus não força a entrada. O trono do nosso coração só pode ser Dele se Lhe for entregue voluntariamente. A verdadeira segurança não está em governos terrenos, mas em permitir que Jesus reine sobre nossa vida. “Deus pode atuar poderosamente quando as pessoas se entregam ao controle de Seu Espírito” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, 2021, p. 32).

Que no início deste novo ano todos nós afirmemos: Permito que Cristo governe minha mente, minhas emoções e meus passos. E estou seguro de que, quando Ele for o primeiro, tudo mais encontrará seu lugar.

O SEGREDO DO VERDADEIRO CONTENTAMENTO

Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Filipenses 4:11

Vivemos em um tempo em que o contentamento parece estar cada vez mais distante. A sociedade nos treina a acreditar que a verdadeira felicidade está no que possuímos, em nossas conquistas ou em quanto acumulamos. Mas a experiência de muitos mostra que, mesmo após alcançar tudo isso, a insatisfação ainda persiste. Então, o que é o verdadeiro contentamento? E como podemos alcançá-lo?

O apóstolo Paulo nos dá uma resposta clara e desafiadora: “Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação.” Ele nos mostra que o contentamento não é algo que acontece por acaso – é aprendido, é cultivado. Ele não dependia das circunstâncias ao redor, mas de algo (ou melhor, de Alguém) que habitava dentro dele.

Para trilhar esse caminho, precisamos identificar alguns obstáculos comuns: o esquecimento de nosso propósito em Deus, o medo de regredir social ou financeiramente e a falsa segurança que a abundância oferece. Todos esses fatores nos afastam do centro da verdadeira satisfação. Eles distorcem nossos valores, alimentam a comparação constante com os outros e enfraquecem nossa confiança nas promessas divinas.

Em contrapartida, a Bíblia apresenta princípios que nos ajudam a aprender o contentamento: viver de forma santa e moderada (2Pe 3:11), desenvolver um coração grato (Lc 3:14), praticar a generosidade (1Tm 6:18, 19) e confiar nas promessas de Deus (Hb 13:5).

Perguntaram a uma pequena garota chamada Christina, que com apenas nove anos enfrentava um câncer raro, o que ela queria ganhar de aniversário. Christina respondeu: “Tenho dois livros de figurinhas e uma boneca. Tenho tudo!” Ela entendeu algo que muitos adultos ainda buscam: o verdadeiro contentamento não depende do que temos, mas de quem somos em Cristo. Como observado por Ellen White, “confiando em Jesus como sua eficiência e justiça, tal pessoa tem a alma repleta de agradável contentamento” (*E Recebereis Poder*, 1999, p. 83).

Agora refletia: Você está realmente satisfeito? Em que se baseia seu contentamento? E quanto tempo acha que ele vai durar?

UM CORAÇÃO QUE RECONHECE A GRAÇA

Por isso, afirmo a você que os muitos pecados dela foram perdoados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. Lucas 7:47

Imagine o ambiente: uma refeição especial, em honra de Jesus, na casa de um fariseu chamado Simão. Esse convite tinha um significado profundo, pois comer com alguém, nos tempos de Cristo, era um sinal de aprovação. A maioria dos fariseus rejeitava Jesus, mas Simão tinha motivos especiais para recebê-Lo. Ele havia sido curado de uma doença terrível, a lepra, e agora desejava expressar alguma forma de gratidão.

Entretanto, a cena que se tornou inesquecível naquela noite não foi o gesto do anfitrião, mas o ato de uma pessoa inesperada. Maria Madalena, conhecida por seu passado de pecados, entrou silenciosamente e, com lágrimas, ungiu os pés de Jesus com um perfume caríssimo. O valor do perfume, equivalente a quase um ano de salário, indicava que ela oferecia não apenas algo valioso, mas o melhor que possuía.

Enquanto Maria demonstrava uma devocão profunda e pessoal, Simão a olhava com desprezo. Em seu coração, ele questionava se Jesus seria mesmo um profeta, pois permitira que uma “pecadora” O tocasse. Esquecera-se de que, ele próprio, antes considerado impuro pela sociedade, havia experimentado o toque restaurador de Cristo.

Jesus, conhecendo os pensamentos de Simão, lhe contou uma parábola sobre dois devedores. A lição era clara: tanto Simão quanto Maria tinham uma dívida impagável, e ambos necessitavam da mesma graça. A diferença estava na resposta.

Quantas vezes, como Simão, esquecemos de onde Deus nos tirou? A graça pode se tornar algo tão comum para nós que nossas demonstrações de amor e gratidão a Deus se tornam rotineiras, automáticas e frias. É fácil devolver um dízimo ou fazer uma oferta apenas por dever, sem que o coração esteja envolvido. Mas Deus espera de nós uma resposta pessoal, apaixonada e generosa, como a de Maria. “O desejo que Maria tinha de servir ao seu Senhor tinha mais valor para Ele do que todos os preciosos perfumes da Terra, pois expressava sua estima pelo Redentor do mundo” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, 2021, p. 448).

Agora reflita: Você tem honrado a Deus com a mesma paixão e gratidão que brotam de um coração verdadeiramente tocado por Sua graça?

RECONHECENDO O QUE JÁ TEMOS

Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. 1 Timóteo 6:8

Vivemos cercados por mensagens que nos convidam a desejar sempre mais: mais dinheiro, mais status, mais beleza, mais posses. O ideal de felicidade parece ser sempre uma conquista distante, uma meta a ser alcançada amanhã. Essa busca insiste que nunca somos “bons o suficiente” ou “ricos o bastante”. Contudo, essa mentalidade produz inquietação e esvazia nosso coração do que realmente importa.

A cultura em que estamos inseridos dita padrões de sucesso e beleza por meio de redes sociais, mídia e comparações constantes. Somos levados a admirar conquistas alheias e a sentir que é preciso algo mais para, enfim, nos sentirmos completos. Na corrida desenfreada pelo “mais”, esquecemos de valorizar aquilo que já é nosso: as bênçãos do cotidiano, a provisão concreta de Deus e o privilégio de viver com saúde, liberdade e fé. A busca por riqueza material não pode preencher os espaços de insatisfação criados pela ausência de contentamento. Estudos mostram que, quanto mais possuímos, mais subimos nosso padrão de desejo. A ideia de “rico” está sempre distante, pouco importa o quanto já tenhamos conquistado.

Muitos, mesmo pertencendo ao grupo mais favorecido do planeta, não percebem quão abençoados já são. O contentamento abre portas para a generosidade: quem é grato e percebe sua verdadeira riqueza se sente mais disposto a compartilhar e a servir ao próximo.

Gratidão transforma o ordinário em extraordinário. Quando abrimos os olhos para as pequenas dádivas, experimentamos paz, propósito e alegria, independentemente das circunstâncias externas. Somos chamados a experimentar riqueza verdadeira: aquela que se encontra em Cristo, cujo amor e provisão superam toda ansiedade material. “A verdadeira felicidade é encontrada não na satisfação do orgulho e do luxo, mas na comunhão com Deus” (Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, 2022, p. 25).

Agora reflita: Você tem reconhecido as bênçãos diárias e vivido o contentamento verdadeiro? Que tal buscar a riqueza nos tesouros eternos, construindo uma vida de gratidão, generosidade e paz?

A DEUS TODA HONRA

Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas e por Tua vontade elas vieram a existir e foram criadas. Apocalipse 4:11

Deus é digno de toda honra, glória e louvor. Como Criador soberano, Ele não precisa da adoração de Suas criaturas para existir ou manter Seu trono. Porém, nós sim precisamos adorá-Lo. Quando reconhecemos Sua majestade, somos fortalecidos, amparados e renovados em nossa jornada. A adoração não é uma exigência de um Deus tirano, mas uma necessidade da alma humana que anseia por sentido, segurança e paz.

O apóstolo João contemplou, em visão profética, o trono de Deus. Diante Dele, seres celestiais e anciões se curvavam e louvavam, proclamando Sua santidade e Seu poder criador. Era uma cena de reverência voluntária, de amor e reconhecimento da grandeza divina. O trono de Deus é fundamentado em justiça, misericórdia e verdade.

Adão e Eva, no Éden, rendiam louvor a Deus com naturalidade. O canto dos pássaros, as flores, os frutos e a beleza da criação inspiravam gratidão. Tudo ao redor refletia o caráter do Criador. Hoje, ainda podemos ver esses sinais: o nascer do sol, a chuva que rega, o alimento na mesa, a paz no coração. A natureza e a revelação apontam para um Deus que nos ama com amor eterno. “Nosso espírito deve erguer-se em reconhecimento e adoração ao Doador de todo dom perfeito” (Ellen White, *Para Conhecer-Lo*, 1965, p. 145).

Adorar é reconhecer que tudo o que temos e somos pertence a Ele. É render-Lhe glória pelo que Ele é. Não adoramos por obrigação, mas por amor. Ele é nosso Criador, Sustentador e Salvador. Reconhecer Sua soberania traz paz ao coração, pois sabemos que a nossa vida está em Suas mãos.

No Céu, os salvos entoarão louvores eternos diante do trono, pois aprenderam aqui na Terra a viver em constante gratidão e reverência. A adoração não se limita a um momento ou lugar, mas é um estilo de vida que honra a Deus em tudo. Cada ato de bondade, cada palavra de louvor, cada pensamento de gratidão é um testemunho de que reconhecemos a grandeza do nosso Senhor.

Agora reflita: Minha vida tem sido um hino de adoração viva ao Deus que me criou, sustenta e redime? Se você ainda não tomou essa decisão, que tal começar essa experiência que se estenderá pela eternidade?

CORAÇÃO RENDIDO, MÃOS ABERTAS

Porque, onde estiver o seu tesouro, aí estará também o seu coração. Mateus 6:21

Vivemos em um mundo que mede sucesso por posses. Mas, quando pensamos nas pessoas que mais amamos, percebemos que o valor verdadeiro não está no que alguém tem, e sim no que é. Isso nos convida a uma pergunta sincera: Onde tenho colocado o meu coração?

Jesus, o nosso exemplo maior, viveu de forma simples. Ele não possuía riquezas, não acumulou bens. Nasceu em um lugar humilde, caminhou entre os necessitados e foi sepultado em um túmulo emprestado. E, ainda assim, impactou eternamente a humanidade. Sua vida nos lembra que o que importa não é o que temos, mas quem somos diante de Deus. Esse é o valor que devemos buscar com afinco todos os dias.

A Palavra nos alerta: “Quem ama o dinheiro jamais terá o suficiente” (Ec 5:10, NVI). O problema não está no dinheiro, mas no apego a ele. O coração que se agarra aos bens se afasta da paz que só Deus pode dar.

No deserto, Deus sustentou Israel dia após dia. Não precisaram de dinheiro; precisaram apenas confiar. O mesmo acontece conosco: quando aprendemos a depender do Senhor, descobrimos que Ele é fiel para prover o necessário em cada dia.

Tudo o que temos vem Dele. Somos apenas administradores dos recursos que Ele nos confia. Quando ofertamos e dizimamos, não estamos apenas obedecendo; estamos dizendo com o coração: “Senhor, tudo é Teu. Em Ti confio.”

Jesus ensinou que onde estiver o nosso tesouro, ali também estará o nosso coração (Mt 6:21). Por isso, entregar a Deus nossos bens é, na verdade, entregar a Ele o nosso coração. Ao fazermos isso, reconhecemos que dependemos totalmente da Sua graça.

“É essa crescente devoção ao ato de ganhar dinheiro, o egoísmo que o desejo de ganhar produz, que mata a espiritualidade da igreja e remove dela o favor de Deus” (Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, 2021, p. 16).

Agora reflete: Tenho confiado mais nas riquezas ou no Provedor? Que o Espírito Santo nos ensine a viver com mãos abertas e coração rendido, certos de que o nosso Pai cuida de tudo. Ele não quer apenas o que temos. Ele quer, acima de tudo, quem somos.

O VERDADEIRO SACRIFÍCIO

Portanto, irmãos, pelas misericórdias de Deus, peço que ofereçam o seu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Este é o culto racional de vocês. Romanos 12:1

Quando pensamos em sacrifício, muitas vezes nos vêm à mente a dor, a perda e o esforço. Mas o verdadeiro sacrifício, aquele que agrada a Deus, não nasce da obrigação ou do desejo de impressioná-Lo. Ele nasce do amor. Afinal, quando amamos de verdade, aquilo que entregamos nem sequer nos parece um sacrifício, como Jesus, que entregou Sua vida enquanto ainda éramos pecadores, e fez isso com alegria por nos amar (Rm 5:8).

Infelizmente, muitos ainda têm uma visão distorcida a respeito do sacrifício, como se fosse uma forma de apaziguar um Deus irado. Pensam que quanto maior a oferta, maior a aceitação. Mas a Bíblia nos mostra o contrário. Deus rejeita sacrifícios vazios, rituais sem coração, doações que visam aplausos. A verdadeira oferta que Ele deseja é o nosso coração grato, rendido, disposto a viver com justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com Ele (Mq 6:8). O Senhor não busca a aparência da devoção, mas a sinceridade de um coração quebrantado. O altar que mais Lhe agrada é aquele construído no íntimo da alma, onde a vontade se rende à Sua. Quando entregamos tudo a Deus, descobrimos que nada nos falta, pois Ele mesmo Se torna a nossa porção.

Sacrifício, na ótica divina, não se mede por valores ou porcentagens. Mede-se pelo amor. A viúva pobre, com suas duas pequenas moedas, deu mais do que todos porque entregou com fé, amor e confiança (Lc 21:1-4). Deus não precisa do nosso dinheiro; tudo já é Dele (Sl 50:10-12). O que o Senhor deseja é um relacionamento conosco, uma resposta de amor ao Seu amor. “A menor quantia dada alegremente como resultado da renúncia tem mais valor à vista de Deus do que as ofertas daqueles que podem dar milhares de dólares sem, contudo, sentirem falta” (Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, 2021, p. 123).

Agora reflita: O que tenho dado a Deus? É expressão do meu amor ou tentativa de comprar a Sua graça? Que as nossas ofertas – tempo, recursos ou vida – sejam, acima de tudo, um reflexo do amor que recebemos Dele.

QUANDO TUDO AINDA É POUCO

Se alguém quer vir após Mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me. Marcos 8:34

Jesus estava pregando para uma multidão quando um jovem correu até Ele. Era rico, respeitado, religioso. Conhecia os mandamentos, tinha uma vida “correta”. Mas seu coração carregava um vazio. “O que me falta ainda?” (Mt 19:20), ele perguntou.

Quantos de nós já não fizemos essa mesma pergunta em silêncio? Crescemos na igreja, seguimos os costumes, evitamos o mal. Mas, em algum ponto da caminhada, percebemos que algo ainda está fora do lugar. Sentimos falta de profundidade, de entrega, de vida.

Jesus olhou para aquele jovem com amor e disse: “Uma coisa ainda falta a você” (Lc 18:22). Uma só. Mas uma que exigia tudo. Não se tratava de mais uma regra, mas de rendição. Jesus não queria apenas parte do seu coração; Ele queria tudo. O jovem, porém, se entristeceu. Tinha muitas posses. Não conseguia soltar. Ele fez a pergunta certa, e Jesus respondeu com amor. No entanto, o jovem queria uma bênção, mas não uma transformação. Queria seguir Jesus, mas só até onde fosse conveniente.

Assim somos nós, tantas vezes: admiradores de Jesus, mas não seguidores. Queremos a salvação, mas sem o custo do discipulado. Desejamos o Céu, mas relutamos em deixar o trono do nosso próprio coração. Jesus não nos pede para dar um pouco; Ele pede tudo. E não porque quer nos privar, mas porque deseja nos libertar. Ele sabe que aquilo que colocamos acima de Deus se torna nosso verdadeiro senhor.

Seguir Jesus é uma escolha diária de negar a si mesmo. Não é sobre perfeição; é sobre entrega; sobre deixar aquilo que ocupa o lugar de Deus; sobre confiar que tudo o que Ele pede é porque nos ama demais para nos deixar presos ao que é passageiro. “Mediante o poder de Cristo, homens e mulheres têm quebrado as correntes do hábito pecaminoso. Têm renunciado ao egoísmo” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, 2021, p. 302).

Agora reflita: O que ainda está entre mim e Jesus? O que Ele me pede que eu ainda resisto em entregar? Que o Espírito Santo nos leve à verdadeira rendição.

TESOUROS QUE O TEMPO NÃO PODE CORROER

A vida de uma pessoa não consiste na abundância dos bens que ela tem. Lucas 12:15

Vivemos em uma sociedade que exalta o acúmulo. A segurança parece estar atrelada a números: saldo bancário, bens adquiridos, reservas financeiras. No entanto, Jesus nos oferece uma perspectiva totalmente diferente. Ele afirma que a vida não se resume àquilo que possuímos. A parábola do rico insensato (Lc 12:16-21) nos alerta sobre o perigo de centralizar nosso coração nas riquezas.

O problema não está em possuir, mas em confiar nas posses. Quando nossos olhos estão voltados apenas para os celeiros cheios, perdemos de vista o que realmente importa: a eternidade. Deus nos convida a ser mordomos e não acumuladores. A verdadeira riqueza é ser rico para com Deus, usar nossos recursos com propósito eterno: para abençoar, para aliviar dores, para semear esperança.

As posses deste mundo são passageiras. Roupas envelhecem, casas se deterioram, moedas perdem valor. Mas quando usamos aquilo que temos para a glória de Deus, transformamos o temporário em eterno. Generosidade é investimento no Céu. Amor ao próximo é capital espiritual. Serviço é uma oferta viva. O dinheiro, quando guiado pela vontade de Deus, torna-se uma ferramenta de amor. Ele pode construir pontes, alimentar sonhos, restaurar vidas.

Jesus disse: “Não tenha medo, ó pequenino rebanho; porque o Pai de vocês Se agradou em dar-lhes o Seu reino. Vendam os seus bens e deem esmola; façam para vocês mesmos bolsas que não desgastem, tesouro inesgotável nos Céus, onde o ladrão não chega, nem a traça corrói” (Lc 12:32, 33). Aqui está o chamado: confiar que Deus cuida de nós e que a nossa herança está segura com Ele. “Muitos estão criando para si mesmos preocupações e ansiedades desnecessários, dedicando tempo e pensamento aos ornamentos supérfluos de que enchem sua casa” (Ellen White, *Maranata*, 2021, p. 46).

Agora reflita: Onde está o seu tesouro? Onde repousa o seu coração? Você está ajuntando para si mesmo ou vivendo para a glória de Deus? Que o Espírito Santo conduza você a uma vida de entrega, confiança e generosidade.

ENTREGA SEM RESERVAS

Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; e quem perder a vida por Minha causa, esse a salvará. Lucas 9:24

Jesus nunca usou palavras suaves quando falou sobre discipulado. “Quem não tomar a sua cruz e vier após Mim não pode ser Meu discípulo” (Lc 14:27). E foi ainda mais longe: “Ninguém pode se tornar Meu discípulo sem abrir mão de tudo que possui” (v. 33, NVT). Palavras duras? Talvez. Mas absolutamente claras. Segui-Lo exige entrega – não parcial, mas total.

Preferimos pensar em Jesus como o Salvador amoroso, o Médico compassivo, o Amigo próximo. Tudo isso é verdade. Mas o mesmo Jesus que cura também confronta. Ele não quer apenas uma parte de nós; quer tudo. Não apenas o que sobra, mas o que custa.

Esse padrão de entrega total ecoa em toda a Bíblia. Você se lembra da viúva de Sarepta? Ela só tinha um punhado de farinha e um pouco de azeite. Mesmo assim, confiou na palavra de Deus por meio do profeta Elias e entregou o seu último alimento. Resultado? Sua botija nunca se esvaziou. Onde há fé e entrega, há provisão divina.

Abraão também trilhou esse caminho. Desde sair de sua terra até oferecer Isaque, seu filho, sua história é marcada por passos de obediência cada vez mais desafiadores. Quando finalmente entregou tudo, Deus mostrou que já havia providenciado um cordeiro. A fé que se entrega encontra sempre a fidelidade divina.

Cristo ainda chama: “Dá-Me, filho Meu, o teu coração” (Pv 23:26, ARA). Ele quer seu tempo, seus recursos, seus relacionamentos, seu corpo, sua mente, sua vida. Tudo. Não porque é um tirano, mas porque é o Deus que já deu tudo por nós. Ele não impõe; Ele convida. Seu apelo é carregado de amor e graça, como o de um Pai que sabe que só em Seus braços encontramos verdadeira paz. Ao entegarmos tudo, não perdemos; ganhamos. Ganhamos propósito, liberdade, salvação. A entrega a Cristo não é um fim, mas o início de uma nova vida, abundante e eterna. “Este é o caminho da renúncia. E quando pensarem que ele é demasiado estreito, que há demasiada abnegação neste caminho estreito; quando disserem: Quão duro é renunciar a tudo, dirijam a si mesmos a pergunta: Que renunciou Cristo por mim?” (Ellen White, *Testemunhos Seletos*, 2004, v. 1, p. 81).

Agora reflete: Estou dando tudo a Jesus ou ainda reservo partes da minha vida só para mim?

A SINFONIA DA UNIDADE EM CRISTO

Dele, todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica a si mesmo em amor à medida que cada parte realiza a sua função. Efésios 4:16, NVI

No coração do plano divino, pulsa um desejo profundo por conexão e harmonia. Deus sonha com um povo unido, não por mera formalidade ou obrigação, mas por laços genuínos de amor e propósito, refletindo a perfeita unidade da Trindade. Somos chamados a ser mais do que uma coleção de indivíduos; somos convidados a formar um corpo vivo, vibrante e interligado, em que cada membro é essencial e valorizado. Essa visão transcende a capacidade humana; é uma obra sobrenatural realizada em nós e através de nós pelo poder transformador de Cristo.

A conexão vertical com o Pai deve transbordar para as conexões horizontais com nossos irmãos e irmãs. Somos chamados a viver essa realidade celestial aqui na Terra, manifestando a beleza da comunhão que Cristo conquistou para nós na cruz. Isso implica abandonar as comparações, as rivalidades e a busca por status, reconhecendo que nossa verdadeira importância reside em sermos filhos amados de Deus e membros uns dos outros.

Devemos aprender a celebrar as vitórias uns dos outros, chorar com os que choram, carregar os fardos uns dos outros e perdoar como fomos perdoados. A unidade floresce em um ambiente de graça, humildade e serviço sacrificial. Ellen White nos lembra: “O amor puro é simples em sua maneira de agir e distingue-se de qualquer outro princípio de ação. O amor da influência e o desejo de desfrutar a estima dos outros talvez produzam uma vida bem-ordenada e, muitas vezes, uma conduta irrepreensível” (*Testemunhos Para a Igreja*, 2021, v. 2, p. 117).

Essa unidade, no entanto, não deve nos isolar do mundo. Pelo contrário, ela nos capacita e nos impulsiona a sermos luz e sal, a estender as mãos com compaixão e a compartilhar a esperança que temos em Jesus. Somos chamados a construir pontes, não muros, a sair de nossas zonas de conforto e a encontrar aqueles que estão perdidos e feridos, oferecendo-lhes a amizade sincera e o amor incondicional que recebemos de Deus.

Agora reflita: A igreja é um refúgio para os perfeitos ou um hospital para curar e restaurar os pecadores?

A MISSÃO QUE PULSA EM NÓS

Como, porém, invocarão Aquele em quem não creram? E como crerão Naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarião, se não forem enviados? Como está escrito: “Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!” Romanos 10:14, 15

O apóstolo Paulo, em sua carta aos Romanos, nos apresenta uma cadeia de eventos que culmina na salvação: a necessidade de ouvir, a importância de um pregador e a beleza dos pés daqueles que anunciam o evangelho. Essa passagem nos revela a urgência e a relevância da missão, o chamado para compartilhar a mensagem de Cristo com um mundo que anseia por esperança e salvação.

A realidade é que muitos ao nosso redor vivem em escuridão espiritual, desconhecendo o amor incondicional de Deus e o sacrifício redentor de Jesus. Eles não podem invocar a Cristo se não crerem, não podem crer se não ouvirem e não podem ouvir se não houver quem pregue. Essa é a nossa missão: ser a voz que proclama a verdade, as mãos que estendem ajuda e os pés que levam a mensagem de esperança a todos os cantos da Terra.

A missão não é uma tarefa exclusiva de pastores, missionários ou líderes religiosos. É um chamado universal, dirigido a cada um de nós, que fomos alcançados pela graça divina. Cada um de nós tem um papel a desempenhar, seja através do testemunho pessoal, do serviço ao próximo, do apoio financeiro ou da oração intercessória.

“Não há limites à utilidade daquele que, deixando de lado o próprio eu, abre margem para a operação do Espírito Santo em seu coração e vive uma vida inteiramente consagrada a Deus” (Ellen White, *Serviço Cristão*, 2022, p. 206).

Essa citação nos lembra que a chave para o sucesso da missão reside no amor a Deus e no espírito de sacrifício que reside em cada um de nós. Quando o nosso coração está cheio do amor de Cristo, a nossa generosidade se manifesta naturalmente, abrindo portas e multiplicando os recursos para a obra missionária.

Agora reflita: Seu coração está ardendo com o amor de Deus? Você está disposto a se sacrificar em favor da missão, investindo tempo, talento e recursos na proclamação do evangelho?

O VALOR DO POUCO NAS MÃOS DE DEUS

Ao cair da tarde, os discípulos se aproximaram de Jesus e disseram: Este lugar é deserto, e já é tarde. Mande as multidões embora, para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer. Jesus, porém, lhes disse: Não precisam ir embora; deem vocês mesmos de comer a eles. Mateus 14:15, 16

Um jovem garoto estava entre a multidão que seguia Jesus. Carregava consigo apenas cinco pães e dois peixinhos. Era pouco. Era o lanche de um menino. Mas, nas mãos de Cristo, foi suficiente para alimentar milhares.

A multiplicação dos pães é uma das histórias mais conhecidas da Bíblia. No entanto, muitas vezes nos esquecemos de que tudo começou com uma oferta simples e aparentemente insignificante, a entrega voluntária de um garoto que decidiu partilhar o que tinha. Ele poderia ter guardado tudo para si, mas não hesitou em entregar.

Quantas vezes subestimamos o valor do pouco? Pensamos que só podemos contribuir quando temos muito. Mas Deus não espera grandeza material; Ele espera fidelidade. A mordomia cristã é menos sobre a quantidade e mais sobre a disposição de entregar.

“É plano de Deus empregar humildes instrumentos para atingir grandes resultados” (Ellen White, *O Grande Conflito*, 2021, p. 145). Quando colocamos o pouco que temos nas mãos do Senhor – nosso tempo, nossos recursos, nossos talentos –, Ele multiplica, transforma e abençoa.

Jesus nos ensina que a verdadeira generosidade não está ligada à abundância, mas ao coração. O garoto dos pães não teve seu nome registrado, não procurou reconhecimento, mas seu gesto atravessou os séculos como um exemplo de fé e entrega. Ele nos mostra que não é necessário ter muito para impactar vidas; é necessário ter disposição. Em tempos de individualismo e autopreservação, sua atitude nos lembra que os maiores milagres nascem da disposição de repartir, mesmo quando parece insuficiente. O Céu valoriza não a quantidade ofertada, mas o amor com que se oferta.

Agora reflita: Será que eu tenho esperado ter mais para doar, servir ou agir com propósito? Que o pouco que temos seja colocado com alegria nas mãos de Deus. Pois ali, e somente ali, o pouco se torna muito.

O VALOR DA ENTREGA TOTAL

Confie no SENHOR de todo o seu coração e não se apoie no seu próprio entendimento. Reconheça o SENHOR em todos os seus caminhos, e Ele endireitará as suas veredas. Provérbios 3:5, 6

Confiar plenamente em Deus é uma das maiores provas de fé que podemos oferecer. Muitas vezes, dizemos que confiamos, mas mantemos áreas da nossa vida sob nosso próprio controle: planos, recursos, tempo, decisões. Entregar-se por completo significa abrir mão da autossuficiência e depender totalmente do Senhor.

Ao longo das Escrituras, vemos exemplos de homens e mulheres que entenderam o valor da entrega total. Abraão deixou sua terra sem saber para onde iria, confiando apenas na promessa divina. Ana, mesmo depois de anos de sofrimento e espera, entregou a Deus o filho que tanto desejava. O apóstolo Paulo, após o encontro com Cristo, considerou “tudo como perda” (Fp 3:8) para ganhar a excelência do conhecimento de Jesus.

Deus nunca pede algo de nós sem antes nos ter dado muito mais. Nossa entrega é apenas uma resposta natural à Sua imensa graça. O perigo que corremos é o de oferecer a Deus apenas o que nos sobra: o tempo que não foi ocupado, o talento que não está sendo usado em outra tarefa, os recursos que julgamos excedentes. Mas o chamado divino é para dar o primeiro e o melhor. Deus não precisa dos nossos bens; Ele deseja nosso coração. “Sou instruída a dar ênfase à necessidade de consagração pessoal e santificação de todo o ser a Deus” (Ellen White, *Medicina e Salvação*, 2024, p. 296).

A entrega verdadeira não é um peso, mas um privilégio. Quando reconhecemos o quanto fomos agraciados, nosso coração se enche de amor e gratidão, e a entrega se torna espontânea e alegre.

Deus continua chamando cada um de nós para confiar plenamente. Não apenas em grandes decisões, mas nas escolhas diárias, no modo como usamos nosso tempo, nossos dons, nossas posses. A confiança genuína se manifesta em atitudes práticas e demonstra quem é o Senhor do nosso coração.

Agora reflita: Em que áreas da minha vida ainda estou me apoiando no meu próprio entendimento? O que eu poderia entregar completamente a Deus para experimentar a verdadeira direção e bênção?

A MORDOMIA DA CONFIANÇA

Entregue o seu caminho ao SENHOR, confie Nele, e o mais Ele fará. Salmo 37:5

Amordomia cristã é, essencialmente, uma relação de confiança entre nós e Deus. Não se trata apenas de dízimos, ofertas ou do cuidado com os bens; é um reflexo vivo de amor e fé. A verdadeira mordomia nasce da compreensão de que pertencemos a Deus, não por obrigação ou medo, mas por amor, gratidão e reconhecimento da Sua soberania.

Infelizmente, em muitas ocasiões, sermões sobre mordomia se concentram em motivar a generosidade pelo medo, pela culpa ou pela promessa de recompensas materiais. Tais abordagens distorcem o cerne da mordomia: uma vida entregue e confiante em Deus, independentemente das circunstâncias.

A base segura para uma vida de mordomia fiel é o entendimento de três verdades fundamentais: Deus nos criou, Deus nos redimiu e Deus provê para nós diariamente. O salmista exclamou: “Graças Te dou, visto que de modo assombrosamente maravilhoso me formaste” (Sl 139:14). Cada aspecto da nossa existência é um testemunho da criação cuidadosa e intencional de Deus. Por isso, cada escolha que fazemos deve ser uma expressão da nossa confiança e gratidão a Ele.

O apóstolo Paulo também nos lembra que, além de nos criar, Cristo nos redimiu com Seu sangue precioso. Ele nos amou enquanto ainda éramos pecadores e nos ofereceu a vida eterna (Ef 2:4-9). Esta redenção nos move a entregar tudo o que somos e temos a Deus, não por medo, mas por amor.

E Deus não apenas criou e redimiu, mas também sustenta cada detalhe da nossa vida. Moisés advertiu Israel para que, ao prosperar na Terra Prometida, não se esquecesse de que tudo vinha do Senhor (Dt 8:11-18). Assim também devemos lembrar que cada bênção, cada recurso e cada talento provêm do Pai. “Independentemente de as posses de uma pessoa serem grandes ou pequenas, ela deve se lembrar de que apenas estão em sua confiança. Tem que prestar contas a Deus por sua força, habilidade, tempo, talentos, oportunidades e recursos” (Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, 2021, p. 17).

Agora reflita: Em quem tenho depositado minha confiança? Que seu relacionamento com Deus seja baseado em amor e fé, entregando tudo a Ele, com a certeza de que você é cuidado pelas mãos eternas do Senhor.

TESTEMUNHO QUE TRANSFORMA

Santifiquem a Cristo, como Senhor, no seu coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que pedir razão da esperança que vocês têm. 1 Pedro 3:15

Compartilhar a fé é um chamado para todo cristão, mas nem sempre sabemos por onde começar. O exemplo do apóstolo Paulo nos oferece lições valiosas sobre como dar um testemunho eficaz, mesmo diante de diferentes públicos e em situações adversas.

A primeira chave está na simplicidade. Em vez de discursos elaborados ou teologias complexas, um testemunho autêntico segue uma estrutura clara: quem eu era antes de Cristo, como O encontrei e como Ele transformou minha vida. É a história do poder de Deus em ação. Não é sobre méritos próprios, mas sobre a graça que alcança.

Além disso, um testemunho precisa ser breve. Muitas vezes, o Espírito Santo abre portas em momentos inesperados: uma conversa rápida no ônibus, uma pergunta no trabalho, um desabafo entre amigos. Nessas ocasiões, três minutos podem ser tudo que temos para semear a esperança.

Outro ponto essencial é a prudência. Paulo adaptava seu testemunho conforme o contexto, respeitando a bagagem e o entendimento de quem o escutava. Também devemos evitar jargões que confundem, preferindo uma linguagem clara, acessível e que desperte interesse. Falar de forma humilde e humana aproxima o coração do outro ao invés de erguer barreiras. “Pelo poder silencioso de uma vida bem ordenada e de palavras santificadas, podem apresentar Jesus ao mundo, refletir a luz do Céu e conquistar pessoas para Cristo” (Ellen White, *Fundamentos da Educação Cristã*, 2025, p. 67, 68). Nosso viver diário é, muitas vezes, o testemunho mais eloquente.

Nos tempos difíceis que se aproximam, quando a estrutura da igreja não estiver mais acessível, o testemunho pessoal será uma das poucas luzes restantes neste mundo. Cada conversa, cada gesto, cada palavra pode ser um canal pelo qual o Espírito Santo opere. Testemunhar será menos sobre o que sabemos e mais sobre quem conhecemos. Vidas transformadas falarão mais alto do que qualquer argumento.

Agora reflita: Estou pronto para compartilhar minha fé com amor, humildade e clareza?

GRATIDÃO: A ESSÊNCIA DA OFERTA NATALÍCIA

Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade, porque Deus ama quem dá com alegria. 2 Coríntios 9:7

Ao longo dos anos, algumas práticas dos nossos pioneiros em relação à fidelidade, infelizmente, perderam força na vida prática da igreja. As ofertas natalícias, a recolta, deixar a herança para a causa de Deus, a devolução dos dízimos atrasados, as ofertas de gratidão, todos esses atos de consagração, outrora vibrantes, parecem ter se esvaido em meio à correria do mundo moderno.

Hoje, quero trazer à memória a beleza e o significado das ofertas natalícias, um presente oferecido a Deus em gratidão por mais um ano de vida que Ele nos concede, ou pelo nascimento de um filho. É um reconhecimento da dádiva da vida, um testemunho da nossa dependência e apreço pelo Criador. Em vez de transformar aniversários em festas de exaltação pessoal, em que o aniversariante se torna o centro das atenções, podemos recapitular as bênçãos recebidas, repensar os erros do passado, pedir perdão e oferecer uma oferta de gratidão pelas bênçãos e pela vida.

Aniversário é uma ocasião para louvar a Deus e não o aniversariante. Ellen White nos dá a seguinte orientação: “Na organização judaica era feita uma oferta a Deus por ocasião do nascimento de filhos, oferta determinada pelo próprio Deus. Agora vemos os pais fazendo esforços especiais para dar presentes aos filhos em seu aniversário. Fazem dessa uma ocasião para honrar a criança, como se a honra fosse devida ao ser humano. [...] Por ocasião do aniversário, os filhos devem ser ensinados que têm motivos para agradecer a Deus por Sua amorável bondade em lhes haver preservado a vida por mais um ano. [...] Pela vida, saúde, alimento e vestuário, não menos que pela vida eterna, somos devedores ao Doador de todas as bênçãos. Deve-se reconhecer a Deus Suas dádivas e apresentar nossas ofertas de gratidão ao nosso maior Benfeitor. Essas ofertas de aniversário são reconhecidas pelo Céu” (*O Lar Adventista*, 2021, p. 391).

Agora reflita: Nossos aniversários são momentos de louvar a Deus ou de exaltação pessoal? Estamos usando as bênçãos que recebemos para promover o reino de Deus ou para satisfazer nossos próprios desejos?

DE DEUS, POR DEUS E PARA DEUS: A TRÍADE DA ADORAÇÃO

*Porque Dele, e por meio Dele, e para Ele são todas as coisas.
A Ele seja a glória para sempre. Amém! Romanos 11:36*

No profundo versículo de Romanos 11:36, o apóstolo Paulo nos revela os três pilares da verdadeira adoração: tudo é Dele, tudo é por meio Dele e tudo é para Ele. Essa tríade nos convida a uma reflexão profunda sobre nossa relação com o Criador e a forma como vivemos nossa fé.

O primeiro pilar, “tudo é Dele”, nos remete ao princípio da criação. Deus é antes de tudo, e tudo o que existe pertence a Ele. Como afirma o salmista Davi: “Ao SENHOR pertence a Terra e a sua plenitude, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24:1). Essa compreensão nos liberta da ilusão de que somos donos de algo, reconhecendo que somos apenas administradores dos bens que Deus nos confia.

O segundo pilar, “tudo é por meio Dele”, nos leva a reconhecer que nossas conquistas, habilidades e talentos não são fruto de nosso próprio esforço, mas sim da providência divina. Tiago 1:17 nos lembra: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.” Essa consciência nos impede de nos vangloriarmos de nossos feitos, reconhecendo que somos apenas instrumentos nas mãos de Deus.

O terceiro pilar, “tudo é para Ele”, nos direciona ao propósito final de nossa existência: glorificar a Deus em tudo o que fazemos. Nossas ações, palavras e pensamentos devem ser um reflexo do amor e da graça de Deus, testemunhando de Seu poder e Sua bondade para o mundo.

No entanto, muitas vezes nos desviamos desses princípios, buscando a glória para nós mesmos e nos esquecendo de que tudo o que temos e somos vem de Deus. “O coração que recebe a Palavra de Deus não é como [...] uma cisterna rachada que perde seu conteúdo. É como a torrente da montanha, alimentada por fontes inesgotáveis, cuja água fresca e borbulhante salta de rochedo em rochedo, refrescando os cansados, os sedentos e os duramente oprimidos” (Ellen White, *Parábolas de Jesus*, 2022, p. 72).

Agora reflita: Estamos vivendo de acordo com os princípios da verdadeira adoração, reconhecendo que tudo é Dele, por meio Dele e para Ele?

A CONSAGRAÇÃO QUE TRANSFORMA

*Portanto, se vocês comem, ou bebem ou fazem qualquer outra coisa,
façam tudo para a glória de Deus. 1 Coríntios 10:31*

Diante da complexidade da vida moderna, somos constantemente desafiados a encontrar um propósito que transcendia as preocupações cotidianas. O apóstolo Paulo, em sua carta aos Coríntios, nos oferece uma bússola para navegarmos por esse mar de incertezas: “façam tudo para a glória de Deus”. Essa simples, porém profunda declaração, nos convida a repensar nossas prioridades e a vivermos uma vida de consagração que glorifique o nome do Senhor em cada detalhe.

A consagração não se resume a momentos isolados de oração ou a rituais religiosos. Ela é um princípio vital que deve permear cada aspecto de nossa existência. Desde as tarefas mais simples até as decisões mais complexas, cada ação deve ser realizada com a consciência de que estamos servindo a um propósito maior: a glória de Deus.

Essa consagração transformadora começa no coração. É preciso purificá-lo de todo egoísmo, ambição mundana e apego aos prazeres passageiros. O amor de Deus deve ser o combustível que impulsiona nossas ações, guiando-nos em cada passo do caminho. Quando o coração está cheio do amor de Deus, a vida se torna uma constante manifestação da graça divina, irradiando a luz de Cristo para o mundo.

No entanto, a consagração não é um processo passivo. Ela exige esforço, dedicação e uma constante busca pela vontade de Deus. É preciso estudar a Palavra, orar com fervor e buscar a orientação do Espírito Santo em cada decisão. É preciso estar disposto a renunciar aos nossos próprios desejos e a seguir o caminho que Deus nos indica, mesmo que ele seja difícil ou impopular. “O cristão deve ser temperante em tudo: no comer, no beber, no vestir-se e em todos os aspectos da vida. [...] Não temos nenhum direito de nos permitir a qualquer coisa que resulte em um estado mental que impeça o Espírito de Deus de nos impressionar com o senso do dever” (Ellen White, *Conselhos Sobre Saúde*, 2025, p. 293, 294).

Agora reflita: Minha vida é um reflexo da glória de Deus? Estou buscando a consagração em cada detalhe de minha existência ou estou me contentando com uma fé superficial e distante?

RECONHECIMENTO DA SOBERANIA DIVINA

Honre o SENHOR com os seus bens e com as primícias de toda a sua renda; e os seus celeiros ficarão completamente cheios, e os seus lagares transbordarão de vinho.. Provérbios 3:9, 10

O texto de Provérbios 3:9 e 10 nos convida a refletir sobre a importância de honrar a Deus com nossos bens e com as primícias de nossa renda. Essa prática não é apenas um ato de obediência, mas um reconhecimento da soberania de Deus sobre todas as áreas de nossa vida.

LeTourneau, um inventor de máquinas de terraplenagem, alcançou grande sucesso financeiro, mas, após a perda de seu filho, reavaliou seus objetivos e decidiu dedicar seus recursos à pregação do evangelho. LeTourneau decidiu devolver 90% de seus bens a Deus, vivendo com os 10% restantes. Essa atitude demonstrava sua convicção de que tudo pertencia a Deus e que ele era apenas um administrador dos recursos divinos.

A história de LeTourneau nos desafia a questionar nossas próprias prioridades e a avaliar se estamos usando nossos recursos para a glória de Deus. Muitas vezes, somos mais movidos pelo que não possuímos do que por aquilo que temos, esquecendo que Deus espera que usemos em Sua causa o que está à nossa disposição.

Deus não nos pedirá contas por não termos acabado com a fome no mundo, mas nos questionará por não termos ajudado uma família necessitada em nossa cidade. Ele não nos cobrará por não termos levado o evangelho a todos os países, mas nos perguntará por que não oferecemos um estudo bíblico ao nosso vizinho.

Precisamos reconhecer que Deus pode usar coisas aparentemente insignificantes para realizar grandes feitos. A funda de Davi, os pães e peixes de uma criança, a farinha e o azeite de uma viúva, todos esses exemplos nos mostram que Deus pode transformar o pouco em muito quando colocamos nossos recursos à disposição Dele. “Ele fez dos seres humanos Seus administradores, confiando a eles recursos não para que fossem acumulados, mas usados em benefício de outros. Desse modo, pessoas tornam-se o meio pelo qual Deus distribui Suas bênçãos na Terra” (Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, 2021, p. 12).

Agora reflita: Como podemos usar nossos recursos, por menores que sejam, para honrar a Deus e abençoar o próximo?

PEQUENAS DÁDIVAS, AMOR INFINITO

Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito. Lucas 16:10

Hoje, somos convidados a refletir sobre o poder transformador das pequenas dádivas feitas com amor. A história de Madre Teresa de Calcutá, ao iniciar uma campanha para arrecadar açúcar em um período de escassez na Índia, ilustra essa verdade. Um garotinho, movido por compaixão, aproximou-se dela com uma xícara cheia de açúcar, fruto de sua própria renúncia. Ele havia passado dias sem comer açúcar para oferecer o que havia economizado. A resposta de Madre Teresa, com um largo sorriso, ecoa em nossos corações: “Não podemos fazer nenhuma grande coisa, apenas pequenas coisas com grande amor.”

Essa singela narrativa nos ensina que Deus valoriza tanto as pequenas dádivas quanto as grandes. Muitas vezes, subestimamos o impacto de nossas ações, crendo que apenas grandes feitos são dignos de reconhecimento. No entanto, Deus Se alegra com cada gesto de amor, cada palavra de esperança, cada abraço sincero.

Quando abraçamos alguém, pode parecer apenas um abraço, mas para a pessoa abraçada pode ser o reencontro com a alegria de viver. Quando entregamos uma cesta básica, pode ser apenas comida, mas para quem a recebe pode ser a força para continuar. As ofertas de uma pessoa humilde podem ser apenas alguns centavos, mas são capazes de comprar uma Bíblia e levar salvação para uma família do outro lado do mundo.

“Deus exige de vocês não apenas a benevolência, mas uma fisionomia alegre, palavras de esperança e um aperto de mão. Ajudem alguns dos aflitos. Eles pertencem a Deus. Alguns estão enfermos, e a esperança os abandonou. Devolvam-lhes a alegria. Há pessoas que perderam a coragem. Falem com elas. Orem por elas. Há aqueles que necessitam do pão da vida. Leiam a Palavra de Deus para eles. Há uma enfermidade da alma que nenhum bálsamo pode aliviar, nenhum remédio curar. Orem por esses e os encaminhem a Jesus” (Ellen White, *Beneficência Social*, 2023, p. 50).

Agora reflita: Como podemos transformar nossas ações em atos de amor que glorifiquem a Deus e abençoem o próximo?

VENHA, SEJA PARTE DE MIM

Venham Comigo, e Eu os farei pescadores de gente. Mateus 4:19

O convite de Deus ecoa diariamente: “Venha, ande comigo. Permita que Eu faça parte da sua vida!” Discipulado é o nome dessa jornada, iniciada por Adão e Eva, mas perdida pelo pecado. Desde então, Deus busca restaurar, pessoa por pessoa, esse relacionamento destruído.

Cristo chamou 12 homens comuns para segui-Lo. Juntos, viveram uma aventura que culminaria na cruz e, depois, levaria 120 discípulos ao mundo, transformando-o profundamente. Hoje, porém, o cristianismo muitas vezes reflete mais a cultura ao redor do que o Cristo vivente. Assim, precisamos voltar ao básico: fazer discípulos.

Um verdadeiro discípulo caminha com Cristo, aprende Dele e se submete a fim de ser semelhante ao Mestre. Ser discípulo significa amá-Lo de todo o coração, mente e forças, conforme Ele nos amou. Não permitir que Cristo seja nossa principal paixão é, de certa forma, idolatria. “Absorvemos o amor de Cristo como o ramo extraí alimento da videira. Se somos enxertados em Cristo, se fibra por fibra somos unidos à Videira viva, evidenciaremos este fato produzindo ricos cachos de fruto vivo” (Ellen White, *E Recebereis Poder*, 1999, p. 71).

A intimidade com Deus cresce por meio de oração, estudo e meditação diá-dia. É preciso integrá-Lo em todas as áreas da vida, não apenas em momentos devocionais, pois assim a paixão e a intimidade se aprofundam. Toda decisão deve colocá-Lo como prioridade máxima. Não se trata de ser capaz de explicar doutrinas, mas de compartilhar o que Deus faz em nossa vida.

O maior desafio do discipulado é aceitar a presença do Espírito Santo, que transforma e fortalece. Ele promete tirar o coração de pedra e dar um coração de carne (Ez 36:26, 27). Sem essa entrega, todo esforço resulta apenas em frustração legalista. O discipulado é uma parceria dinâmica, levando Jesus a cada detalhe do viver. Paulo afirma que a riqueza da glória é “Cristo em vocês” (Cl 1:27). Hoje, Deus repete: “Venha, siga-Me!” Estenda esse convite a outros e caminhe junto, ajudando-os a se tornarem discípulos.

Agora reflita: Estamos permitindo que Deus seja Deus em cada decisão e em cada área de nossa vida?

A VERDADE INABALÁVEL

Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade. João 17:17

O texto bíblico de hoje nos lembra a importância da Palavra de Deus como um guia seguro em um mundo cada vez mais incerto e relativista. Hoje, somos convidados a refletir sobre a necessidade de nos apegarmos à verdade divina em meio aos desafios da pós-modernidade.

Em um mundo onde a verdade é frequentemente questionada e relativizada, onde cada indivíduo é encorajado a definir as próprias verdades, significados e certezas, os princípios bíblicos correm o risco de serem substituídos pela busca incessante por relevância pessoal. O que é relevante para o meu dia a dia muitas vezes se torna mais importante do que a verdade em si.

Um reconhecido apologista cristão costumava contar uma história sobre a falácia do pensamento pós-moderno de não existir verdade. Ele foi levado por um amigo para ver um prédio de arquitetura pós-moderna, sem formas definidas ou estrutura lógica. Então perguntou se a base do prédio também era pós-moderna, sem forma, lógica ou regras de construção.

Essa analogia nos leva a pensar sobre a importância de um fundamento sólido em nossa vida. Assim como um prédio precisa de uma base firme para se sustentar, nossa fé precisa estar alicerçada na verdade inabalável da Palavra de Deus. Não podemos construir nossa vida espiritual sobre areias movediças, sujeitas às mudanças de opinião e aos modismos passageiros.

Precisamos nos voltar para as verdades claramente reveladas nas Escrituras, o único fundamento seguro para tudo o que cremos e seguimos. Quando Jesus afirma “em verdade lhes digo”, Ele nos dá a segurança de que Sua revelação é mais importante do que nossos achismos e que a verdade divina será relevante para nós. “Nos preceitos de Sua santa lei, Deus concedeu uma regra perfeita de vida; e Ele declarou que, até o fim dos tempos, essa lei, imutável em cada detalhe, deve manter suas exigências sobre os seres humanos (Mt 5:18). Cristo veio para engrandecer a lei e torná-la gloriosa” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, 2021, p. 321).

Agora reflita: Como podemos fortalecer nosso compromisso com a verdade da Palavra de Deus em um mundo que relativiza tudo?

TEMPO: UMA OPORTUNIDADE DIVINA

Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio. Salmo 90:12

O Salmo 90:12 nos convida a refletir sobre a preciosidade do tempo e a importância de usá-lo com sabedoria, buscando um coração que compreenda a brevidade da vida e a eternidade que nos aguarda. Hoje, somos chamados a considerar a mordomia do tempo como uma oportunidade divina de glorificar a Deus e abençoar o próximo.

O tempo é um dos recursos mais valiosos que Deus nos concede. Cada dia, cada hora, cada minuto é uma dádiva que não podemos desperdiçar. No entanto, muitas vezes nos deixamos levar pelas distrações e preocupações do mundo, negligenciando o uso sábio do tempo que nos foi confiado. Vivemos em uma sociedade que valoriza a produtividade e a eficiência, mas que freqüentemente se esquece do propósito maior da vida. Corremos de um compromisso para outro, acumulando tarefas e responsabilidades, mas muitas vezes nos sentimos vazios e insatisfeitos.

Precisamos aprender a priorizar o que realmente importa, dedicando tempo para o relacionamento com Deus, para o cuidado com nossa família, para o serviço ao próximo e para o desenvolvimento de nossos talentos. O tempo gasto em oração, leitura da Palavra, comunhão com os irmãos e prática do bem nunca é tempo perdido. O tempo é um investimento que pode render frutos eternos. Cada ato de bondade, cada palavra de encorajamento, cada momento de oração contribui para o reino de Deus e para a transformação do mundo ao nosso redor.

Devemos nos lembrar de que a eternidade não é apenas um destino futuro, mas uma realidade que começa a ser construída aqui e agora, em cada escolha que fazemos e em cada momento que dedicamos a Deus. Que a urgência do tempo presente nos motive a agir com propósito e a buscar a direção divina em cada decisão. “Se cada momento fosse devidamente avaliado e empregado do modo adequado, teríamos tempo para tudo que necessitamos fazer para nós mesmos ou para o mundo” (Ellen White, *A Ciência do Bom Viver*, 2021, p. 123, 124).

Agora reflete: Como podemos usar nosso tempo com mais sabedoria, priorizando o que realmente importa e investindo em coisas que têm valor eterno?

JEJUM: UM CAMINHO PARA A INTIMIDADE COM DEUS

Então, você clamará ao SENHOR, e Ele responderá; você gritará por socorro, e Ele dirá: Aqui estou. Isaías 58:9

O profeta Isaías nos apresenta uma promessa reconfortante: quando clamamos a Deus, Ele nos ouve e responde. De acordo com a Bíblia, o jejum pode fortalecer nossa intimidade com Deus, purificar nosso coração e nos aproximar de Seu amor. O jejum, muitas vezes compreendido apenas como a abstinência de alimentos, é, na verdade, uma prática espiritual que envolve a total entrega de nosso ser a Deus. É um tempo de renúncia, de humildade e de busca sincera pela Sua vontade.

Ao jejuar, estamos reconhecendo nossa dependência de Deus e nossa necessidade de Sua graça. Estamos abrindo mão de algo que consideramos importante, seja comida, bebida ou outras distrações, para nos concentrarmos em Sua presença e em Sua Palavra. O jejum não é um fim em si mesmo, mas um meio para um fim. Não jejuamos para impressionar a Deus ou para manipular Sua vontade, mas para nos humilharmos diante Dele e para nos tornarmos mais receptivos à Sua direção.

Quando jejuamos com o coração sincero, Deus Se aproxima de nós. Ele nos revela Seus segredos, concede-nos Sua sabedoria e nos fortalece para enfrentar os desafios da vida. O jejum nos capacita a discernir a voz de Deus em meio ao ruído do mundo e a seguir Seus caminhos com confiança.

Além disso, o jejum nos ajuda a desenvolver o domínio próprio e a fortalecer nossa disciplina espiritual. Ao aprendermos a controlar nossos desejos e impulsos, nós nos tornamos mais capazes de resistir às tentações e de viver de acordo com os princípios de Deus. “A força da tentação para condescender com o apetite pode ser medida somente pela inexprimível angústia de nosso Redentor naquele longo jejum no deserto. Ele sabia que a condescendência com o apetite pervertido afetaria de tal modo as percepções do ser humano que as questões sagradas não seriam discernidas. Adão caiu pela condescendência com o apetite; Cristo venceu pela negação do apetite” (Ellen White, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, 2023, p. 111).

Agora reflita: Como podemos praticar o jejum de forma significativa, buscando a intimidade com Deus e a transformação de nosso caráter?

OFERTANDO COM PROPÓSITO

Todos devem ofertar de acordo com as bênçãos que receberam do SENHOR, seu Deus.

Deuteronômio 16:17, NVT

Ofertar é um ato de adoração que transcende a mera contribuição financeira. É uma expressão de gratidão, um reconhecimento de que tudo o que possuímos vem de Deus e uma demonstração de nossa confiança em Sua provisão contínua. Mas como podemos ofertar de maneira que agrade a Deus e abençoe Seu reino?

Primeiramente, devemos ofertar com alegria. A oferta que agrada a Deus é aquela que brota de um coração grato e transbordante de amor. Não devemos ofertar com pesar ou por obrigação, mas com a alegria de saber que estamos contribuindo para uma causa maior do que nós mesmos. A atitude com que ofertamos reflete nossa espiritualidade e intimidade com Deus.

Em segundo lugar, nossas ofertas devem ser planejadas. Não devemos dar a Deus apenas o que sobra, mas sim separar uma porção de nossos recursos com antecedência, demonstrando que Ele é prioridade em nossa vida. O planejamento nos ajuda a ofertar de forma consistente e a evitar a impulsividade.

A regularidade é outra característica importante de uma oferta que agrada a Deus. Assim como somos fiéis em cumprir nossos compromissos e em cuidar de nossas necessidades, devemos ser fiéis em ofertar ao Senhor, reconhecendo que Ele é a fonte de toda a nossa prosperidade. A prática constante de ajudar evidencia o compromisso do cristão com a expansão da obra divina.

Por fim, nossas ofertas devem ser proporcionais. A Bíblia nos ensina a ofertar de acordo com nossa renda, reconhecendo que Deus nos abençoa de maneira diferente e que cada um deve contribuir conforme sua capacidade. A proporcionalidade nos ajuda a ofertar de forma justa e equilibrada, sem comprometer nossas necessidades básicas. “Devemos nos considerar como mordomos da propriedade do Senhor; e a Deus, como Proprietário absoluto a quem devemos entregar o que é Dele, quando Ele o requer” (Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, 2021, p. 221).

Agora reflita: Como podemos cultivar um coração generoso e ofertar com alegria, planejamento, regularidade e proporcionalidade, honrando a Deus com nossos bens e contribuindo para Sua obra?

O DOM DA ESCOLHA

Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom. Mateus 6:24, ARC

A vida nos apresenta, a cada instante, escolhas que moldam o nosso destino. Uma das mais cruciais é a decisão entre servir a Deus ou a Mamom, entre buscar os valores eternos ou se apegar às riquezas passageiras. Jesus, em Sua sabedoria, nos alerta sobre a impossibilidade de conciliar esses dois senhores, pois a devoção a um inevitavelmente implica no desprezo ao outro.

Mamom, personificação da ganância e do amor ao dinheiro, exerce um fascínio poderoso sobre o coração humano. A busca incessante por bens materiais, a obsessão pelo sucesso financeiro e a preocupação excessiva com a segurança econômica podem nos aprisionar em uma espiral de insatisfação e nos afastar do verdadeiro propósito da vida. Servir a Mamom significa priorizar o ter em detrimento do ser e sacrificar os valores morais em nome do lucro.

Por outro lado, servir a Deus implica colocar o reino dos Céus em primeiro lugar, buscar a justiça, a misericórdia e a humildade. É reconhecer que somos apenas administradores dos bens que Ele nos confia e que devemos usá-los para abençoar outras pessoas. Servir a Deus significa construir a nossa vida sobre um alicerce sólido, baseado nos princípios eternos da Sua Palavra.

A escolha entre servir a Deus ou a Mamom não é uma decisão fácil. A pressão social, o consumismo desenfreado e a busca incessante por status e reconhecimento podem nos desviar do caminho da verdade. No entanto, é fundamental que façamos essa escolha com sabedoria e coragem, conscientes das consequências de cada decisão.

“Existe na pessoa mundana um desejo ardente de alguma coisa que ela não possui. Por força do hábito, dirige cada pensamento e cada propósito no sentido de fazer provisão para o futuro e, conforme vai ficando mais velha, torna-se cada vez mais desesperada para conseguir tudo o que possa ganhar” (Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, 2021, p. 103).

Agora reflita: A quem estou servindo? A Deus, com coração sincero e uma vida de consagração, ou a Mamom, com a ganância e o apego aos bens materiais?

COMPARTILHANDO ESPERANÇA

Vão por todo o mundo e preguem o evangelho a toda criatura. Marcos 16:15

A mensagem de Cristo ressoa através dos séculos, ecoando um chamado urgente à ação: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28:19, ARA). Essa ordem, proferida por Jesus antes de ascender ao Céu, não é apenas um convite, mas uma responsabilidade que repousa sobre cada um de nós, Seus seguidores. O mundo ao nosso redor clama por esperança, por amor e por salvação. Milhões de pessoas vivem em trevas, desconhecendo a luz do evangelho e a alegria de um relacionamento pessoal com Cristo. Cabe a nós, que fomos alcançados pela graça divina, levar essa mensagem transformadora a todos os cantos da Terra.

A missão não se limita a pregar em púlpitos ou a evangelizar em grandes eventos. Ela se manifesta em cada gesto de bondade, em cada palavra de encorajamento, em cada ato de serviço ao próximo. É através do nosso testemunho pessoal, da nossa vida transformada pelo poder do Espírito Santo, que podemos impactar o mundo e conduzir outros a Cristo. A pergunta que devemos nos fazer é: Como estamos respondendo ao chamado missionário? Estamos dispostos a sair da nossa zona de conforto, a romper as barreiras culturais e linguísticas, a investir tempo, recursos e talentos na obra de Deus?

A missão não é uma tarefa fácil. Envolve sacrifício, renúncia e, muitas vezes, perseguição. No entanto, a recompensa é incomparável: a alegria de ver vidas transformadas pelo poder do evangelho, a certeza de estar cumprindo o propósito de Deus para a nossa vida e a promessa de uma herança eterna no Céu.

“Se o coração do povo de Deus estiver cheio do amor a Cristo; se cada membro da igreja estiver inteiramente imbuído do espírito de abnegação; se todos manifestarem fervor intenso, não faltarão recursos para as missões. Nossos recursos serão multiplicados; mil portas de utilidade se abrirão, e seremos convidados a por elas entrar” (Ellen White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, 2021, p. 83).

Agora reflete: Qual é o nosso papel na missão de Deus? Estamos dispostos a ser missionários em nosso lar, em nosso trabalho, em nossa comunidade e em todo o mundo, compartilhando a esperança e o amor de Cristo com aqueles que mais precisam?

ALÉM DA VITRINE DO CONSUMO

Não amem o mundo nem as coisas que há no mundo.

Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele. 1 João 2:15

Vivemos em uma sociedade que nos bombardeia constantemente com mensagens que associam a felicidade à posse de bens materiais. A publicidade, as redes sociais e a cultura popular nos incentivam a desejar mais, a consumir mais e a buscar a satisfação em coisas que são passageiras e efêmeras.

Essa mentalidade consumista, que nos leva a igualar a nossa identidade e o nosso valor pessoal ao que possuímos, cria uma ilusão que nos afasta da verdadeira felicidade e nos impede de experimentar a plenitude da vida em Deus. Somos persuadidos a gastar dinheiro que não temos, em coisas que não precisamos, para impressionar pessoas que não se importam.

A vitrine do consumo nos seduz com promessas de alegria, sucesso e aceitação. Contudo, por trás dessa fachada brilhante, esconde-se uma realidade sombria: a insatisfação constante, a ansiedade, o endividamento e a perda de valores essenciais.

O apóstolo João nos adverte: “Não amem o mundo nem as coisas que há no mundo.” Essa mensagem nos desafia a questionar as nossas prioridades e a avaliar se estamos permitindo que o consumismo domine a nossa vida. Amar o mundo, no sentido bíblico, significa apegar-se aos valores e aos prazeres passageiros que ele oferece. É buscar a satisfação em coisas que são efêmeras e que não podem preencher o vazio da nossa alma.

A verdadeira felicidade não se encontra na posse de bens materiais, mas sim em um relacionamento íntimo com Deus, no serviço ao próximo, na prática da justiça e na busca pela verdade. É quando nos desapegamos das coisas do mundo e nos entregamos a Deus que experimentamos a plenitude da vida e encontramos o verdadeiro sentido da existência. “A influência do amor ao dinheiro sobre o espírito humano é quase paralisadora. As riquezas transtornam e levam muitos dos que as possuem a agirem como se tivessem perdido a razão” (Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, 2021, p. 104).

Agora refleta: Estamos permitindo que o consumismo domine a nossa vida? Estamos buscando a felicidade em coisas que são passageiras e efêmeras ou estamos investindo em valores eternos que nos aproximam de Deus e do próximo?

UM CORAÇÃO TRANSFORMADO

Se vocês Me amam, guardarão os Meus mandamentos. João 14:15

As palavras de Jesus nesse versículo ecoam profundamente em nosso coração. A obediência não é um fardo pesado ou uma obrigação imposta, mas sim uma resposta natural e espontânea a um amor que nos transforma por completo.

Em um mundo onde a fidelidade é frequentemente relativizada e os compromissos são facilmente quebrados, o chamado à obediência aos mandamentos de Deus se torna ainda mais relevante. Não se trata de uma mera conformidade externa, mas de uma transformação interior que nos leva a desejar fazer a vontade de Deus em todos os aspectos de nossa vida.

A verdadeira obediência não nasce do medo ou da busca por recompensas, mas da compreensão profunda do amor incondicional de Deus por nós. É quando reconhecemos Sua graça e misericórdia que somos capacitados a renunciar a nossos próprios desejos e a seguir Seus caminhos. A fidelidade a Deus se manifesta em nossa vida diária, em nossas escolhas, em nossos relacionamentos e em nossas atitudes. Quando somos honestos, justos, compassivos e amorosos, demonstramos nosso amor a Deus e nosso compromisso com Seu reino.

A obediência não é um fim em si mesma; é um meio para um fim maior: nossa transformação à imagem de Cristo. É através da obediência que nos tornamos mais semelhantes a Ele, refletindo Seu caráter em nossa vida e impactando o mundo ao nosso redor. “O Senhor os observa e comprehende e, se vocês oferecerem seu talento como dom consagrado para Seu serviço, Ele os usará a despeito de sua fraqueza” (Ellen White, *Serviço Cristão*, 2022, p. 84).

Quando confiamos plenamente no amor de Deus e em Seu cuidado, somos capacitados a nos dedicar com entusiasmo e alegria à Sua obra. A obediência, portanto, não é um obstáculo para o serviço, mas um catalisador que nos impulsiona a agir em favor do reino de Deus.

Agora reflita: Estou obedecendo aos mandamentos de Deus por amor ou por obrigação? Tenho permitido que Seu amor transforme meu coração e me capacite a viver uma vida de fidelidade e serviço?

UMA NOVA MENTALIDADE

E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Romanos 12:2

Aúnica maneira de neutralizar uma mentalidade dominada pelos valores do mundo é aprender uma nova maneira de pensar. Essa mudança não é uma mera alteração superficial de ideias ou atitudes; é uma transformação profunda, comparável à metamorfose de uma lagarta em borboleta. A palavra grega *metamorphoō* encapsula essa mudança dramática, em que nossos valores terrenos e muitas vezes egoístas são substituídos por valores inspirados por Deus, como a bondade, a generosidade, a compaixão e o amor ao próximo.

Essa transformação não é algo que possamos alcançar por nossos próprios esforços. É um processo divino, algo que Deus realiza por nós e em nós através do Seu Espírito. No entanto, Paulo nos ensina que essa transformação não é uma opção, mas um imperativo. “Deixem que Deus os transforme”, ele enfatiza, com clareza e urgência. Se realmente desejamos ser discípulos de Deus e seguir os Seus caminhos, a transformação é obrigatória; é um requisito fundamental.

Ellen White nos lembra que “a religião não é para ser usada apenas como uma capa na casa de Deus; os princípios religiosos devem caracterizar a vida inteira” (*Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, 2024, p. 73). Assim como a metamorfose da lagarta leva tempo e envolve uma mudança completa em sua forma, nossa transformação espiritual é um processo contínuo de renovação da mente e do coração. É um abandono constante dos valores mundanos que nos aprisionam e uma busca incessante pelos valores divinos que nos libertam. É uma jornada diária de entrega e confiança em Deus.

Agora reflete: Estamos realmente dispostos a abandonar nossos valores terrenos, nossos apegos materiais e nossas ambições egoísticas e permitir que Deus nos transforme à Sua imagem? Estamos abertos à metamorfose divina que nos leva a uma nova maneira de pensar, de sentir e de agir? Estamos dispostos a trilhar essa jornada de renovação mental, confiando na graça e no poder de Deus para nos transformar em novas criaturas?

QUANDO 90 É MAIS DO QUE 100

Tragam todos os dízimos à casa do Tesouro [...]. Ponham-Me à prova nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se Eu não lhes abrir as janelas do céu e não derramar sobre vocês bênção sem medida. Malaquias 3:10

Há momentos em que tudo parece estar sob controle. Contas pagas, saúde estável, relacionamentos tranquilos. É fácil sentir que a equação da vida está equilibrada. Mas e quando os números não fecham? Quando o salário não cobre as despesas, a saúde sucumbe, os planos desmoronam? Parece impossível imaginar que 90 possa ser mais do que 100.

Deus, entretanto, não Se limita à nossa lógica matemática. Ele é o Deus do impossível, que transforma escassez em abundância e tempestades em testemunhos. Quando tudo foge do nosso controle, é aí que Sua graça se manifesta com mais poder.

Na Bíblia, encontramos histórias que desafiam nossa razão: a viúva de Sarepta que, ao partilhar sua última refeição com o profeta Elias, viu sua farinha e azeite não se acabarem (1Rs 17); os cinco pães e dois peixes que alimentaram mais de cinco mil pessoas (Mt 14). Em cada um desses relatos, vemos o poder de Deus transformando o pouco em muito, o nada em algo, o impossível em possível.

Quando colocamos Deus na equação, tudo muda. A lógica humana se curva diante da fé. E a verdade divina se revela: menos com Deus é mais do que suficiente. Com Ele, a escassez se transforma em provisão e a limitação humana dá lugar ao sobrenatural.

O convite do Senhor em Malaquias 3:10 não é uma cobrança, mas uma oportunidade. Ele diz: “Ponham-Me à prova”. É um chamado à confiança, à entrega, à fé que ousa crer que, com Ele, 90 pode ser mais do que 100. “Em toda emergência devemos buscar auxílio Daquele que tem à Sua disposição ilimitados recursos” (Ellen White, *A Ciência do Bom Viver*, 2021, p. 23). Quando confiamos Nele de todo o coração, experimentamos a doce segurança de saber que estamos nas mãos de um Pai que jamais falha.

Agora refleta: Onde está nossa confiança? Nos números que vemos ou no Deus que tudo pode? Que tenhamos fé suficiente para colocá-Lo no centro de todas as nossas equações. Com Deus, o impossível se torna realidade.

O AMOR QUE MOLDA NOSSA VIDA

O amor é paciente e bondoso. O amor não arde em ciúmes, não se envaidece, não é orgulhoso. 1 Coríntios 13:4

A igreja de Corinto era conhecida por seus inúmeros problemas, desde imoralidade até divisões internas. Em meio a esse caos, Paulo aponta para um caminho superior: o amor. Mas não um amor qualquer. Ele fala de um amor que molda nossas palavras, nosso conhecimento e nossas ações. Quantas vezes nos justificamos por proferir palavras duras em nome da sinceridade? É preciso lembrar que o amor deve ser o filtro que usamos para nos comunicar com os outros. Não basta ter razão ou conhecimento da verdade; o amor deve guiar nossa forma de expressar.

É fundamental que o amor modele nossa maneira de falar, pois a sinceridade sem amor pode ferir e destruir. E o que dizer de nossas ações? Frequentemente nos orgulhamos de nossos feitos, de prover os recursos para nossa família, de fazer nosso melhor. No entanto, o amor vai além disso. “Os olhos estarão postos em Jesus, e o amor para com Ele será o motivo constante, dando força vital a todo dever empreendido” (Ellen White, *Testemunhos Para a Igreja*, 2021, v. 6, p. 139).

O amor verdadeiro não é algo que nasce em nós, mas que vem de Deus. É um amor que se manifesta em Jesus, que é paciente, bondoso e que nunca falha. Esse amor não é apenas um sentimento passageiro, mas uma força constante que nos capacita a amar mesmo quando não nos sentimos amados. Trata-se de um amor que perdoa, que comprehende e que busca o bem do outro acima de tudo.

É crucial reconhecer que cometemos um erro ao buscar o amor dentro de nós mesmos. Ao localizarmos o amor em nossas próprias capacidades e emoções, limitamos seu alcance e sua durabilidade. O amor que realmente transforma é aquele que transcende nossas limitações humanas, que se origina em Deus e se manifesta em nós através do Espírito Santo. Portanto, busquemos esse amor em Deus, permitindo que Ele nos capacite a amar como Ele ama, e sejamos Seus instrumentos, levando esperança e cura aos que nos cercam.

Agora reflita: Como o amor de Deus pode transformar nossa vida e nossos relacionamentos?

PARCERIA TRANSFORMADORA

Eu sou a videira, vocês são os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim vocês não podem fazer nada. João 15:5

Muitos de nós entendemos que a mordomia cristã vai muito além do dízimo e ofertas e que Deus é o verdadeiro dono de tudo o que temos. No entanto, transferir essa compreensão para a prática diária pode ser um desafio. Não somos apenas empregados de Deus, mas verdadeiros parceiros em Seu projeto de salvação. Diferentemente das parcerias humanas, em que cada parte contribui com algo de valor semelhante, Deus é quem provê tudo: habilidades, recursos e até mesmo a vida. A nós, cabe aceitar o privilégio desse chamado.

No mundo, parcerias costumam envolver trocas entre iguais, em busca de equilíbrio: alguém investe, outro executa; um traz recursos, outro conhecimento. Com Deus, não temos nada de nosso que realmente contribua. Nossa função é, em humildade, aceitar Sua proposta; e Ele jamais força esse convite. Exemplo disso está nos grandes personagens bíblicos: Noé somente pôde salvar sua família por caminhar em parceria com Deus; Moisés libertou um povo inteiro porque aceitou confiar no Senhor; Daniel tornou-se profeta ao se deixar conduzir. Mas o modelo maior dessa ligação é Jesus. Ele demonstrou uma vida em perfeita comunhão com o Pai, dizendo: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10:30).

Essa união é mais do que simples colaboração; é um convite à intimidade. Somos chamados a aceitar, pela fé, a honra de sermos parte da família de Deus, amigos e cooperadores do Criador. Porém, é preciso dar um passo além: deixar Deus transformar nossos pensamentos, desejos e ações, a fim de que a vontade Dele se torne a nossa alegria. “Quando conhecermos a Deus como temos o privilégio de conhecê-Lo, nossa vida será de contínua obediência. Por meio do reconhecimento do caráter de Cristo, mediante a comunhão com Deus, o pecado se tornará abominável para nós” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, 2021, p. 537).

Agora reflita: Estou apenas cumprindo tarefas religiosas ou aceitando o chamado de Deus para uma parceria viva, real e transformadora em cada aspecto da minha vida?

O MARAVILHOSO DOM DA GRAÇA

*Porque pela graça vocês são salvos, mediante a fé;
e isto não vem de vocês, é dom de Deus. Efésios 2:8*

Graça: uma palavra simples, mas de significado profundo. Muitos a descrevem como favor imerecido, uma bênção concedida mesmo sem merecimento. Contudo, compreender verdadeiramente a graça vai além de definições. Não é permissividade barata, mas sim uma expressão divina que só é genuína quando transforma vidas.

Imagine ser parado por um policial por excesso de velocidade. Receber a multa é justiça; mas se o policial paga a sua multa, isso é graça. Assim é a graça de Deus: oferece bem mais que perdão, bem mais do que se espera; ela entrega restauração e um caminho novo. A cruz é o ápice desse amor: Jesus Se entregou, mostrando que graça tem um preço altíssimo para Deus, mas é ofertada gratuitamente a nós.

A graça age em três dimensões: passado, presente e futuro. No passado, lembra-nos o sacrifício de Cristo. No presente, fortalece-nos para cada desafio, garantindo que, aconteça o que acontecer, Deus já providenciou o necessário para continuarmos. No futuro, assegura esperança e transformação, pois o Senhor prometeu completar a boa obra iniciada em nós.

Aceitar a graça é simples, mas profundo. É crer no amor de Deus, confiar que Ele perdoa e, mais ainda, deixar-se moldar por esse presente. Não basta receber; é fundamental permitir que a graça se traduza em mudança real. Isso acontece quando, tocados por esse amor, somos levados a agir com graça diante do próximo: perdoando, compreendendo e ajudando. Somente assim experimentamos plenamente a graça: ao praticá-la no cotidiano, aproximando-nos do que Deus sonha para Seus filhos. “O poder do amor de Cristo realizou a transformação de seu caráter. Esse é o resultado da união com Jesus” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, 2024, p. 47).

Essa transformação é contínua. Não se esgota com o tempo nem se limita ao passado; está disponível agora, e sempre nos convida a buscar mais em oração, fé e entrega. Que esta graça nos inspire a sermos instrumentos de paz e bondade onde estivermos e que a lembrança de tão grande favor nos una em humildade e esperança.

Agora refleta: Temos aceitado, vivido e compartilhado a graça maravilhosa de Deus?

ALEGRIA COM DEUS

Diga aos israelitas que Me tragam uma oferta. Receba-a de todo aquele que estiver disposto a dar de coração.Êxodo 25:2, NVI

Você já se sentiu obrigado a devolver o dízimo ou a oferta, mesmo sem vontade? Por vezes, nossa motivação para contribuir tem origem em sentimentos equivocados, como culpa, reconhecimento ou expectativas humanas. No entanto, a verdadeira experiência cristã vai muito além dessas razões superficiais; ela nasce de um profundo relacionamento de adoração, fundamentado na salvação proporcionada por Jesus.

Quando entendemos o sacrifício de Cristo na cruz, a motivação para doar vem naturalmente de um coração tocado por Seu amor. Apenas a partir dessa experiência de graça e gratidão é que o ato de ofertar passa a fazer sentido em nossa vida espiritual. “Deus não obriga os seres humanos a doar. Tudo quanto derem deve ser voluntário. Não quer ter Seu tesouro cheio de ofertas dadas de má vontade” (Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, 2021, p. 49).

O conteúdo e a consequência da salvação são preciosos: ao aceitarmos a Cristo, recebemos Seu Espírito, Sua justiça e somos feitos novas criaturas (2Co 5:17). A graça transforma o coração, e o resultado prático é discipulado autêntico, vida de obediência e doação voluntária. O evangelho, a boa-nova do reino, não é uma simples exigência; é um convite para uma nova vida que resulta da graça de Deus.

Não podemos permanecer os mesmos quando Cristo habita em nós; vivemos, inevitavelmente, de modo generoso e alegre, reconhecendo que tudo pertence a Ele. É essa graça que nos livra de qualquer sentimento de obrigação, substituindo-o por uma resposta espontânea e cheia de alegria.

A cada dia, somos convidados a reafirmar esse relacionamento, aceitando o dom de Deus e permitindo que Seu Espírito nos conduza, mesmo diante das lutas. Assim, a obediência deixa de ser um peso e torna-se uma alegria.

Agora reflita: Devolvo meus recursos ao Senhor por obrigação ou como expressão de um coração renovado por Seu amor?

O CHAMADO AO SACRIFÍCIO

Sacrifício agradável a Deus é o espírito quebrantado; coração quebrantado e contrito, não o desprezarás, ó Deus. Salmo 51:17

Sacrifício é uma palavra comumente ouvida em igrejas, muitas vezes associada à dor de abrir mão de algo precioso. Mas, bíblicamente, sacrificar não é um ato meramente de perda, e sim de entrega; é uma expressão de reconhecimento a Deus por quem Ele é e por quem somos diante Dele.

A história dos irmãos Abel e Caim revela que Deus observa não só o que ofertamos, mas com qual espírito ofertamos (Hb 11:4). Abel, obediente e confiante, ofereceu o melhor; Caim, movido pelo orgulho, recusou seguir as orientações divinas. “O valor da oferta é estimado não pela quantidade, mas pela proporção em que é dada e pelos motivos que movem o doador” (Ellen White, *Atos dos Apóstolos*, 2021, p. 218).

No Éden, o primeiro sacrifício animal apontou para a esperança da redenção: um inocente morreu para cobrir a vergonha do pecador, antecipando o sacrifício de Cristo (Gn 3:21). A cruz é o cumprimento desta promessa: Cristo, o Cordeiro, padeceu para restaurar nossa comunhão. O missionário David Livingstone resume: “Eu nunca fiz sacrifício algum. Não devemos falar disso quando nos lembramos do grande sacrifício que fez Aquele que deixou o trono do Seu Pai nas alturas para Se entregar por nós.”

O verdadeiro sacrifício cristão não está na dor de dar, mas no privilégio de devolver a Deus o que já é Dele, reconhecendo-O como Redentor. Perder não é de fato perda, mas libertação. O maior sacrifício é nos rendermos a Deus, morrendo diariamente para o pecado e nascendo para uma vida de adoração (1Co 15:31).

Viver em sacrifício significa permitir que Deus guie todos os aspectos da vida. Esta é uma escolha diária: entregar-Lhe nossos planos, desejos e vontades, encontrando identidade e renovação ao aceitar ser morada do Seu Espírito (Ef 3:17-19). Que o supremo sacrifício de Cristo nos conduza a uma entrega sincera, tornando nossa vida um louvor constante.

Agora reflita: O que tenho ofertado a Deus? Tenho entregado a Ele apenas meus recursos ou também meu coração?

GENEROSIDADE: A MARCA DO CRISTÃO

*Em tudo tenho mostrado a vocês que, trabalhando assim, é preciso socorrer os necessitados e lembrar das palavras do próprio Senhor Jesus:
“Mais bem-aventurado é dar do que receber.” Atos 20:35*

Olivro de Atos nos lembra das palavras de Jesus, que ecoam através dos séculos: “Mais bem-aventurado é dar do que receber.” Andy Stanley, em seu livro *Como Ser Rico*, destaca que a generosidade dos cristãos do primeiro século era sua marca registrada. Eles não possuíam riquezas, prédios nem reconhecimento público. No entanto, cresceram e iluminaram o mundo com a verdade do Cristo ressuscitado, influenciando mais do que qualquer poder político ou riqueza material.

Durante as pragas que assolaram as cidades daquele período, enquanto muitos fugiam, os cristãos permaneciam para cuidar dos enfermos, arriscando a própria vida. A história de Pacônio, nascido em Tebas, no Egito, em 292 d.C., ilustra o impacto transformador da generosidade. Alistado à força no exército romano, ele e outros prisioneiros recebiam comida à noite, livrando-os da fome. Seus benfeiteiros eram seguidores de Jesus Cristo. Após ser libertado, Pacônio buscou os cristãos, aprendeu a amar Jesus e tornou-se um influente líder do cristianismo. A generosidade o alcançou, levando-lhe a salvação.

Temos a opção de viver uma vida de risco pela causa de Deus ou de conforto sem responsabilidades. Contudo, somente os que decidem por uma vida de risco podem verdadeiramente ser chamados de cristãos. O compromisso desenvolve uma fé genuína, permitindo-nos perceber o agir de Deus e vivenciar milagres. “Pensem nisso, e então consideremos quão pouco estamos dispostos a sacrificar pela salvação das preciosas almas que nos rodeiam! Não somos obrigados a ir para longe de casa, numa viagem longa e tediosa, para salvar a vida de um mortal a perecer. Às nossas próprias portas, em todo o nosso redor, por todos os lados, há pessoas a ser salvas, almas que perecem” (Ellen White, *Serviço Cristão*, 2022, p. 78).

Agora refleta: Como podemos manifestar a generosidade em nossa vida, arriscando-nos pela causa de Deus e demonstrando amor ao próximo?

TESOUROS DE VERDADE

Porque, onde estiver o tesouro de vocês, aí estará também o seu coração. Lucas 12:34

Vivemos em um tempo no qual o valor das coisas e o desejo de possuir cada vez mais acabam ocupando espaço central em nosso coração. O dinheiro, necessário para suprir necessidades e sonhos, acaba assumindo papel de protagonista na vida de muitos, moldando decisões, prioridades e até mesmo relacionamentos. Jesus, porém, nos chama a refletir sobre onde, de fato, está nosso verdadeiro tesouro e, consequentemente, nossos afetos e paixões. A Bíblia nos ensina que aquilo que mais valorizamos orienta nossos passos. Quantas vezes nossas preocupações estão mais conectadas ao que possuímos do que ao que realmente somos?

O desafio é não permitir que o acúmulo de bens se torne nosso objetivo final. Quando fazemos de Deus o centro da vida, percebemos que o dinheiro só vale quando usado de forma sábia e generosa, como instrumento nas mãos do Senhor para bênção e serviço. O contentamento não se encontra nas posses, mas na confiança plena Naquele que supre todas as necessidades de Seus filhos. O ato de ajudar o próximo revela uma grandeza espiritual muito maior do que qualquer riqueza terrena.

A ansiedade pelo ter pode gerar inquietação, insatisfação e um vazio que nenhuma conquista material consegue preencher. Por outro lado, entregar ao Senhor tudo o que temos, reconhecendo-O como o verdadeiro Dono, traz paz e liberdade. Usar nossos recursos para amar, servir e glorificar a Deus revela quem realmente ocupa o trono do coração. “Independentemente de as posses de uma pessoa serem grandes ou pequenas, ela deve se lembrar de que apenas estão em sua confiança. Tem que prestar contas a Deus por sua força, habilidade, tempo, talentos, oportunidades e recursos” (Ellen White, *Conselhos Sobre Mordomia*, 2021, p. 17). Buscar a simplicidade e a gratidão renova diariamente nossa fé e esperança nas promessas divinas e nos dá um coração generoso, permitindo que Ele direcione nossas escolhas e transforme nossos bens em bênçãos eternas.

Agora reflita: Onde está nosso verdadeiro tesouro e o que nosso coração tem buscado acima de tudo?

O PODER TRANSFORMADOR DO EVANGELHO

Eu lhes darei um coração novo e porei dentro de vocês um espírito novo. Ezequiel 36:26

O evangelho é mais do que uma mensagem para ser compreendida; é uma proposta de vida capaz de modificar por completo o ser humano. Em meio à correria e às incertezas, muitos buscam respostas, valorizam debates e acumulam informações. Por vezes sentem um vazio e a distância da verdadeira paz e esperança. Cristo, porém, ofereceu mais do que palavras; Ele trouxe restauração, proximidade com Deus e uma nova chance mediante Sua graça inesgotável.

Todos nós, em algum momento, ouvimos falar sobre Jesus e Seu sacrifício, refletimos sobre doutrinas e, talvez, até discutimos teologia. Mas é fácil se esquecer de que não basta entender de modo superficial o evangelho: é preciso permitir que ele penetre e transforme a vida por inteiro. Ser mordomo dessa boa notícia é ir além da teoria. É necessário deixar que Cristo transforme o coração, refaça os sonhos, cure feridas, além de orientar cada pensamento e escolha.

Esse processo começa de dentro para fora quando aceitamos a atuação do Espírito Santo e nos colocamos diante de Deus com abertura e humildade. A transformação promovida pela graça transborda para os relacionamentos, influenciando as palavras, reações e maneiras como enxergamos as pessoas. Em nossos gestos do dia a dia, somos chamados a demonstrar perdão, compreensão e compaixão. “Há, na religião de Jesus Cristo, um poder transformador e, para que nos tornemos a luz do mundo, deve esse poder ser visto em nós, em forma de muito mais humildade, mais fervor e fé viva” (Ellen White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, 2021, p. 67). Apenas quem experimenta o evangelho pode transmiti-lo de modo autêntico.

A mordomia do evangelho também se traduz em ser um instrumento de esperança, mesmo em tempos desafiadores. Viver o evangelho é crer que a graça de Deus é suficiente, mesmo diante de limitações. Ao permitir que o evangelho ocupe o centro do nosso viver, experimentamos mudanças profundas em nossas prioridades. Valores antes inegociáveis passam a ser revistos à luz de Cristo, e desejos egoístas cedem lugar ao interesse pelo próximo.

Agora refleta: Em quais áreas de minha vida ainda preciso deixar o evangelho agir plenamente?

CHAMADOS PARA SERVIR

Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos. Marcos 10:45

A vida cristã é, essencialmente, um chamado ao serviço. Jesus, nosso maior exemplo, fez de toda a Sua existência um ministério de dedicação ao próximo. Mais do que uma simples obrigação ou dever, servir é viver em sintonia com o coração de Deus, respondendo ao convite de ser instrumento de Sua graça onde formos chamados.

Muitas vezes, confundimos ministério com tarefas ou cargos que assumimos por necessidade ou tradição. Entretanto, o verdadeiro ministério nasce de um chamado pessoal, em que Deus nos capacita com dons específicos para cumprir a missão que Ele coloca em nossas mãos. Não importa o tempo dedicado a uma função, mas sim a consciência de estar servindo, porque Deus nos direcionou, como um parceiro ativo em Sua obra.

O Pai não apenas nos chama, mas nos equipa. Os dons do Espírito são concedidos a cada um conforme Sua vontade, para o benefício de toda a comunidade. Descobrir e desenvolver esses dons é parte do processo de conhecer nosso propósito e experimentar o privilégio de fazer parte do plano divino. Quando atuamos dentro dos dons recebidos, o serviço torna-se fonte de alegria e crescimento, pois somos canais vivos do amor de Deus.

Acima de tudo, Jesus prometeu Sua presença em cada passo: “E eis que estou com vocês todos os dias” (Mt 28:20). A consciência dessa companhia transforma até as tarefas mais simples em adoração. O segredo do ministério frutífero está em viver na presença de Cristo, permitindo que Sua graça alcance outros através de nossas ações.

Ao servir, lembremos sempre: “Quando Seus discípulos estão ligados a Cristo, quando os dons do Espírito lhes pertencem, até o mais pobre e ignorante deles terá um poder que influenciará corações. Deus os faz condutos para a dimanação da mais elevada influência no Universo” (Ellen White, *E Recebereis Poder*, 1999, p. 307).

Agora reflita: Estou disposto a ser parceiro de Jesus, permitindo que minha vida seja instrumento de Seu amor e graça no mundo? Que não sejamos apenas espectadores, mas participantes ativos do ministério que transforma vidas.

O VALOR DO TEMPO DIANTE DE DEUS

Portanto, tenham cuidado com a maneira como vocês vivem, e vivam não como tolos, mas como sábios, aproveitando bem o tempo, porque os dias são maus. Efésios 5:15, 16

Viver é administrar o tempo que Deus nos concede. Em cada dia, fazemos escolhas sobre como ocupar as horas disponíveis. Alguns sentem o tempo escorrer entre os dedos, outros conseguem organizá-lo com mais propósito. Não é a quantidade que faz diferença, mas sim a prioridade que damos a Deus em nossa rotina.

O tempo é o recurso mais democrático: todos recebem 24 horas diárias. Entretanto, a maneira como as utilizamos revela nossos reais valores e motivações. Deus, como Criador, deseja participar ativamente de cada minuto do nosso tempo. “Quando a ação do Espírito divino for sentida no coração, veremos muitos buscando, com fervor e em primeiro lugar, o reino de Deus e Sua justiça” (Ellen White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, 2021, p. 41).

O sábado é um presente especial de Deus para lembrar que Ele é Senhor do tempo. Reservar um dia para adorar, agradecer e descansar nos ajuda a colocar o Criador no centro de nossa existência. Esse tempo sagrado reordena prioridades e fortalece a fé, os laços familiares e a comunhão com outros.

Além do sábado, dedicar diariamente um tempo especial ao Senhor transforma a jornada espiritual. Seja de manhã, à tarde ou à noite, o importante é entregar a Deus nossas melhores horas, ouvir Sua voz e buscar direção para cada decisão.

Buscar equilíbrio é essencial. Quando focamos apenas em uma área, outras podem ser ignoradas. Deus nos convida a confiar Nele, a integrar nossos propósitos, agendas e sonhos à Sua vontade. Em oração, podemos pedir que Ele nos ajude a reconhecer o que precisamos ajustar em nossos horários e nossas prioridades. O Senhor deseja que cada aspecto de nossa rotina reflita Sua graça e direção. O uso consciente e intencional de cada momento revela maturidade, sabedoria e gratidão.

O tempo desperdiçado não pode ser recuperado, mas cada novo dia é uma chance de recomeço. Ofereça cada tarefa ao Senhor e permita que Ele transforme todas as atividades em louvor e adoração.

Agora refletia: Como temos usado o tempo que Deus nos deu? Entreguemos cada minuto a Ele e que nossa vida seja marcada pela presença do Senhor em cada instante.

O SONHO DE DEUS PARA AS RELAÇÕES

Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição. Colossenses 3:14

Deus sonha em ver Seus filhos vivendo em comunhão verdadeira, na qual o amor é a base de cada relacionamento. Seu plano vai além de frequentar uma igreja ou cumprir cerimônias. O propósito divino é que, em Cristo, cada pessoa seja integrada em uma grande família espiritual, experimentando unidade e harmonia mesmo na diversidade de dons, histórias e personalidades. Somos chamados a refletir esse amor no lar, na comunidade de fé e no mundo, vivendo como expressão viva da graça do Senhor.

Essa unidade, contudo, não é algo que conquistamos por esforço próprio, mas uma realidade concedida por Cristo. Em Jesus, recebemos uma nova identidade e, ao aceitá-Lo, passamos a fazer parte da “família de Deus”, na qual todos têm valor e papel importante. Não é possível amar a Deus de verdade e viver isolado, pois o amor se revela nas relações. Deus deseja restaurar nossa maneira de ver e tratar o outro, substituindo a indiferença por acolhimento e a crítica pela compaixão.

Na rotina, é fácil ceder ao individualismo, erguendo muros por medo ou orgulho. Mas Jesus nos desafia a quebrar barreiras e construir pontes: verdadeiras amizades, respeito mútuo, disposição para escutar, servir e perdoar, independentemente de diferenças. Na cruz, Cristo revelou o valor de cada ser humano. Por isso, somos convidados diariamente a enxergar todos como Ele vê.

Ellen White nos orienta: “Jesus ensinou aos Seus discípulos que deviam servir uns aos outros. Em vez de buscarem a posição mais elevada para si mesmos, deveriam se dispor a servir seus irmãos. O Salvador veio ao mundo para trabalhar pelos outros, vivendo para ajudar e salvar os necessitados e pecadores, e Ele deseja que façamos o mesmo. Os discípulos se sentiram envergonhados de seu ciúme e egoísmo. Seu coração se moveu de amor para com o Mestre e para com os irmãos. Só agora é que estavam prontos para ouvir os ensinos de Cristo” (Ellen White, *Vida de Jesus*, 2023, p. 73). Ao seguir Seu exemplo, nós nos tornamos instrumentos do sonho de Deus na transformação das relações.

Agora reflita: Estamos dispostos a viver esse sonho divino em nossos relacionamentos?

A VERDADEIRA RIQUEZA

Exorte os ricos deste mundo a que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus. 1 Timóteo 6:17

Do Haiti, considerado um dos países mais pobres do mundo, vem a história comovente de Edmund. Sua igreja estava organizando um festival de Ação de Graças, e cada membro foi convidado a levar uma oferta de amor. Embora não tenha comparecido, Edmund enviou sua oferta: 13 dólares, o equivalente a três meses de salário no Haiti. Ao ser visitado por um missionário, foi revelado que Edmund havia vendido seu cavalo para conseguir esse valor. Quando perguntado por que não tinha ido ao festival, ele respondeu em voz baixa: “Eu não tinha uma camisa para vestir.”

Edmund compreendia profundamente que tudo pertence a Deus, como afirma o Salmo 24:1. Sua entrega não era apenas de dinheiro, mas de coração, de vida, de fé. A mordomia cristã não se trata apenas de devolver dízimos e ofertas, mas de viver uma vida que reconhece Deus como dono de tudo. O testemunho de Edmund se repete em outras histórias, como a de Meropi Gjika, uma albanesa que, com uma pensão de apenas quatro dólares por mês, guardou fielmente seu dízimo até poder devolvê-lo e ser batizada após aproximadamente 50 anos de espera.

Vivemos em uma cultura que valoriza a acumulação. Desde cedo aprendemos a dizer “meu”, mesmo sobre coisas que não nos pertencem. Mas Jesus nos ensinou algo diferente: “A vida de uma pessoa não consiste na abundância dos bens que ela tem” (Lc 12:15). E, como observado por Ellen White, “a riqueza acumulada não é simplesmente inútil. É uma maldição. Nesta vida, é uma armadilha para a alma, desviando as afeições do tesouro celestial” (*Conselhos Sobre Mordomia*, 2021, p. 109). Quando colocamos nossa esperança nas posses, perdemos de vista o que realmente importa. O apóstolo Paulo aconselha: “Sejam ricos em boas obras, generosos em dar e prontos a repartir” (1Tm 6:18).

Agora reflita: O que motivou a entrega completa de Edmund e Meropi Gjika? Que tal renovar nosso compromisso com Deus e deixar que Ele nos ensine a viver com gratidão, generosidade e contentamento, reconhecendo que a verdadeira riqueza está em sermos inteiramente Dele?

A TAREFA SAGRADA DE CUIDAR

O SENHOR Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. Gênesis 2:15

Ao contemplarmos a majestade imponente do firmamento estrelado, a intrincada e delicada teia da vida num ecossistema, a beleza vibrante de uma simples flor silvestre ou o concerto matinal dos pássaros, somos confrontados com a assinatura inconfundível do Artista Divino. Este mundo extraordinário não é fruto do acaso, mas uma galeria viva que expressa o infinito amor, o poder criativo e a sabedoria insondável de Deus. Desde o princípio, Ele nos confiou este planeta não como proprietários com liberdade irrestrita, mas como cuidadores zelosos, jardineiros investidos da tarefa sagrada de cultivar, desenvolver e proteger ativamente Sua maravilhosa criação.

Infelizmente, a mancha do pecado distorceu profundamente essa relação primordial. Com demasiada facilidade, esquecemos nossa condição de meros administradores, mordomos que um dia prestarão contas detalhadas ao verdadeiro e único Dono de todas as coisas. Assim, cuidar da criação transcende a mera preocupação ecológica ou social; é uma questão intrinsecamente espiritual. É um ato de genuína adoração, um reconhecimento prático da soberania de Deus e uma demonstração tangível do nosso amor e gratidão pelas Suas incontáveis bênçãos.

Retomar essa responsabilidade fundamental exige uma conversão de coração e mente. Precisamos urgentemente redescobrir e abraçar o propósito original para o qual fomos colocados neste planeta. Como Ellen White nos lembra com ternura, “Deus queria que Seus filhos apreciassem Suas obras e que se deleitassem na beleza simples e tranquila com a qual Ele enfeitou nosso lar terrestre” (Ellen White, *Caminho a Cristo*, 2024, p. 54). Embora não possamos resolver sozinhos os complexos desafios ambientais globais, podemos e devemos ser fiéis na porção específica da criação que Deus colocou sob nosso cuidado direto: nosso lar, nossa comunidade, nossa esfera de influência.

Agora reflita: Temos agido como zelosos guardiões da Terra, refletindo o caráter amoroso, cuidadoso e provedor do nosso Deus? Somos um testemunho vivo do Seu amor redentor que alcança toda a criação?

GRAÇA REVELADA

Àquele que nos ama e, pelo Seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o Seu Deus e Pai, a Ele a glória e o domínio para todo o sempre. Amém! Apocalipse 1:5,6

O livro do Apocalipse nos revela Jesus Cristo através de atributos que ecoam a profundidade de Seu amor e poder. Ele é a “Fiel Testemunha”, conhecendo-nos intimamente, sabendo de nossas fraquezas e anseios mais profundos. Apesar disso, Ele nos ama com um amor que persiste, que não se esgota. Esse amor é a primeira oferta da graça, um presente imerecido que nos envolve e nos transforma.

Cristo é também o “Primogênito dos mortos”, o primeiro a vencer a morte, oferecendo-nos a esperança da vida eterna. Em Seu sangue, somos lavados de nossos pecados, libertos do passado e capacitados a viver um presente de paz e um futuro de esperança. Essa libertação é completa, definitiva, um ato de amor que transcende o tempo.

E, finalmente, Ele é o “Soberano dos reis da Terra”, Aquele que detém todo o poder e autoridade. Em Sua graça, Ele nos constitui reis e sacerdotes, concedendo-nos um lugar em Seu reino celestial. Ele nos vê como somos chamados a ser, revestidos de dignidade e propósito.

Essa tríplice oferta da graça – amor incondicional, libertação completa e um chamado real – nos convida a uma vida de entrega e serviço. Não somos apenas receptores passivos do amor divino, mas também agentes ativos do Seu reino, chamados a refletir Sua luz e a compartilhar Sua graça com o mundo a nosso redor. Ellen White nos lembra: “O amor de Jesus no coração será revelado em palavras e ações. O reino de Cristo estará acima de tudo. O eu será colocado em sacrifício vivo no altar de Deus” (*Conselhos Sobre Mordomia, 2021, p. 41*).

Que a compreensão desses atributos e ofertas da graça nos inspire a viver em gratidão, a amar como fomos amados e a servir com alegria.

Agora reflete: Como a fidelidade de Cristo, Sua vitória sobre a morte e Seu poder soberano revelam a profundidade do amor de Deus? Como a compreensão desses atributos nos capacita a viver como reis e sacerdotes em Seu reino?

IRMANDADE QUE CONECTA CORAÇÕES

Eu, João, irmão e companheiro de vocês na tribulação, no reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos. Apocalipse 1:9

Vivemos em uma época em que a proximidade física não garante conexão emocional nem espiritual. Muitos se reúnem em igrejas repletas de pessoas, mas se sentem sozinhos, invisíveis, desconectados. Há uma diferença entre estar junto e ser parte de algo. João, o apóstolo exilado em Patmos, não se apresenta como alguém de posição ou autoridade. Ele se define como irmão e companheiro, um igual. Seu vínculo com os demais cristãos não era baseado em títulos, mas em vivências compartilhadas: sofrimento, esperança no reino e perseverança em Jesus.

Chamamos uns aos outros de “irmão” e “irmã” nos corredores das igrejas, mas será que compreendemos a profundidade dessa palavra? Irmandade verdadeira exige mais do que um cumprimento. Exige caminhar junto, sofrer junto, esperar junto, orar junto. João não era um irmão de nome; ele era um irmão de jornada.

Hoje, a igreja corre o risco de se tornar uma multidão sem comunhão. É possível frequentar os cultos por anos e nunca conhecer de verdade quem se senta ao nosso lado. O vínculo que une o povo de Deus deve ser mais profundo. Precisa ir além das paredes e das formalidades. Precisa se firmar em experiências comuns com Cristo.

Ellen White reforça essa verdade ao escrever: “Aqueles que devotam a existência a um ministério semelhante ao de Cristo conhecem o que significa a verdadeira felicidade. Seus interesses e orações estendem-se muito além de si mesmos. Eles próprios crescem à medida que procuram ajudar a outros” (*Serviço Cristão*, 2022, p. 218).

Ser irmão é compartilhar da fé, da dor e da esperança. É estar presente. É não deixar que o outro caminhe sozinho. Que sejamos mais do que agregados em um espaço de culto. Que sejamos família, corpo, igreja viva! A verdadeira igreja é construída por laços que suportam o peso da vida. Não se trata de afinidades sociais, mas de unidade no Espírito. Essa comunhão transforma reuniões em encontros de cura e restauração. Lembre-se: não há evangelho sem comunidade.

Agora reflita: Somos realmente irmãos em Cristo ou apenas conhecidos que se veem aos sábados?

POR CAUSA DA PALAVRA DE DEUS

Eu, João, irmão e companheiro de vocês na tribulação, no reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. Apocalipse 1:9

A prisão de João na ilha de Patmos não era, aos olhos do Céu, um exílio imposto por um imperador cruel. Era um chamado divino, uma missão selada com fidelidade. Ele não via seu sofrimento como obra de Domiciano, mas como consequência de sua entrega total ao reino de Deus. João enxergava o propósito de Deus mesmo na dor. Essa visão muda tudo.

Quantas vezes interpretamos nossas perdas e provações como injustiças humanas, sem perceber que, sob a ótica do Céu, são testemunhos vivos de fidelidade? Quando somos fiéis à Palavra, mesmo enfrentando oposição, não somos vítimas do acaso, mas testemunhas do reino.

A perseverança que João menciona não é resignação passiva. É uma paciência ativa, determinada, que transforma derrotas aparentes em vitórias espirituais. Essa perseverança é fruto da tribulação, como ensina Paulo: “a tribulação produz perseverança” (Rm 5:3). Isso significa que, ao pedir paciência, estamos pedindo também oportunidades para que ela seja formada, e elas geralmente vêm em forma de provações. Deus não desperdiça sofrimento; cada lágrima rega sementes de fidelidade. E a maturidade espiritual floresce no terreno das dificuldades bem enfrentadas.

Perder uma vaga de emprego por não transigir com princípios, ser ridicularizado por defender a verdade ou deixar de fazer um exame por guardar o sábado... tudo isso, à luz do Apocalipse, não é perda; é honra. Não é consequência da maladade humana; é evidência do compromisso com o Céu.

Ellen White escreveu: “Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito” (Ellen White, *O Desejado de Todas as Nações*, 2021, p. 14). Se Cristo sofreu por nós, por que estranharmos quando o sofrimento bate à porta como parte da caminhada com Ele?

Agora reflita: Qual é o valor de uma vida entregue à Palavra? Qual é o preço da fidelidade?

VENCENDO PELO TESTEMUNHO

Eles o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo diante da morte, não amaram a própria vida. Apocalipse 12:11

Há uma arma poderosa que Deus confiou a cada um de nós: o testemunho pessoal. Não importa a eloquência das palavras ou o conhecimento teológico profundo. Uma vida transformada por Jesus fala mais alto do que qualquer argumento. Quando alguém encontra o Salvador e é liberto da culpa, do medo, da vaidade ou do egoísmo, essa experiência se torna uma prova viva do poder de Deus. É impossível argumentar contra uma vida que foi verdadeiramente mudada.

O testemunho é mais do que uma narrativa sobre o passado; é uma proclamação viva do que Cristo está fazendo em nós agora. Ele não é centrado em nós, mas em Jesus – no que Ele fez, está fazendo e fará. De acordo com o escritor John Stott, “testemunho não é sinônimo de autobiografia. Quando estamos realmente testemunhando, não falamos de nós mesmos, mas de Cristo.”

Compartilhar como Cristo nos alcançou, perdoou e renovou é um dos meios mais eficazes de tocar o coração das pessoas. Elas podem até discordar de doutrinas, mas não conseguem ignorar uma vida transformada.

Quando relatamos como a graça de Deus nos libertou das cadeias da culpa e nos deu paz, mostramos ao mundo que há esperança. Assim como um anúncio de “antes e depois” atrai atenção por mostrar resultados reais, nosso testemunho mostra a diferença radical entre a vida sem Cristo e a vida com Ele. As pessoas se identificam com nossas lutas e se inspiram em nossas vitórias. “Devemos reconhecer Sua graça como foi revelada aos santos da antiguidade; mas o que será mais eficaz é o testemunho de nossa própria experiência” (Ellen White, *Serviço Cristão*, 2022, p. 14). Essa missão não é apenas uma opção para os fortes na fé, mas um chamado a todos os que foram alcançados pelo amor do Salvador.

O sangue do Cordeiro já foi derramado. A parte que nos cabe agora é testemunhar. Não espere estar “pronto”. Deus usa as pessoas quebrantadas, humildes e que estão à Sua disposição.

Agora reflita: O que Jesus tem feito em minha vida que eu posso compartilhar com alguém?

A QUEM ADORAMOS E SERVIMOS?

*Não darei a mais ninguém a Minha glória, nem a Minha honra,
às imagens de escultura. Isaías 42:8*

Em um mundo onde o egoísmo frequentemente dita os rumos, somos constantemente desafiados a discernir a quem dedicaremos nossa adoração e serviço. A Palavra de Deus nos lembra que somente Jesus Cristo é digno de nossa completa devoção. Ele não divide Sua glória com ninguém. A história de Lúcifer, que ambicionou a adoração reservada a Deus, nos adverte sobre os perigos do orgulho e da busca por autoexaltação.

A queda de nossos primeiros pais, seduzidos pela promessa de serem como Deus, demonstra como a tentação de colocar nossos desejos acima da vontade divina pode nos afastar do Criador. O pecado criou um abismo entre nós e Deus, resultando em egoísmo, orgulho e soberba – a raiz de muitos de nossos males. O egoísmo nos leva a nos apropriarmos da vida que Deus nos emprestou, vivendo de acordo com nossos próprios gostos e preferências. Deus deixa de ser o centro de nossa adoração, e passamos a adorar a nós mesmos. No entanto, Deus, em Seu infinito amor, providenciou uma solução: Jesus Cristo.

O amor de Deus é demonstrado em João 3:16, onde lemos que Ele amou o mundo de tal maneira que deu Seu único Filho. Enquanto o egoísmo deseja tudo para si, o amor entrega tudo. Deus entregou o que tinha de mais precioso. É impossível para nós, por nossos próprios esforços, vencermos o egoísmo. Após a entrada do pecado, o ser humano se tornou vítima do próprio egoísmo. O caráter de Deus, que antes se refletia em nossa vida, foi deformado. Por mais que nos esforcemos para mudar essa situação sozinhos, não o conseguiremos. Jesus Cristo é a única pessoa que pode resolver o problema do egoísmo. Como nos lembra Ellen White, “por nós mesmos, é impossível escapar do abismo de pecado em que estamos afundados. Nosso coração é mau e não podemos mudá-lo. [...] É preciso que haja um poder que atue no interior, uma vida nova vinda de cima, para que o ser humano passe do estado pecaminoso para a santidade. Esse poder é Cristo” (*Caminho a Cristo*, 2024, p. 13).

Agora refleta: A quem estamos adorando e servindo? Estamos permitindo que o egoísmo nos afaste de Deus ou estamos buscando a transformação que somente Cristo pode nos oferecer?

VITÓRIA EM CRISTO

Ao vencedor, darei o direito de sentar-se Comigo no Meu trono, assim como também Eu venci e Me sentei com o Meu Pai no Seu trono. Apocalipse 3:21

OCéu não é prometido ao indiferente, mas ao vencedor. A caminhada cristã é descrita na Bíblia como uma jornada de perseverança e superação, uma batalha espiritual em que somos chamados a permanecer firmes até o fim. Vencer não é alcançar perfeição imediata, mas confiar diariamente no poder de Cristo para nos sustentar e transformar. A vitória que Ele oferece é contínua, renovada a cada novo amanhecer, e está disponível mesmo para o mais fraco dos crentes.

O termo grego *nikaō*, traduzido como “vencer”, revela a natureza dessa vitória: constante, progressiva e ininterrupta. Trata-se de um chamado à fidelidade diária, à dependência contínua de Cristo. Vencer não é um evento isolado, mas uma decisão renovada de confiar e seguir, mesmo diante das lutas. A cada dia, somos convidados a renovar nossa aliança com aquele que venceu por nós.

É curioso notar que, nas mensagens às sete igrejas do Apocalipse, quanto mais fraca espiritualmente a igreja, mais promessas ela recebe. Isso revela a abundante graça de Deus, que se manifesta de forma ainda mais intensa quando nossas forças se esgotam. A igreja de Laodiceia, embora descrita como morna e cega, é a que recebe a promessa mais elevada: assentar-se com Cristo em Seu trono. Isso não aponta para mérito humano, mas para o poder transformador da graça divina. “A graça de Cristo é suficiente para subjugar o pecado e banir a escuridão. Entrando em comunhão com o Salvador, penetramos na região da paz” (Ellen White, *A Ciência do Bom Viver*, 2021, p. 152). Essa vitória não é nossa; é de Cristo, em nós e por nós.

Não é a ausência de lutas que define a vitória, mas a persistência em confiar. Cada fraqueza pode se tornar uma oportunidade de experimentar a força divina. Cristo não busca campeões autoconfiantes, mas corações rendidos que se agarrem à Sua promessa e não desistam. A verdadeira vitória não está em nossa força, mas na dependência plena do Salvador. Por isso, não importa quão fraco você se sinta hoje, há poder disponível para vencer.

Agora reflita: Tenho buscado diariamente essa vitória em Cristo? Minha fraqueza tem me levado à dependência de Sua graça?

O PODER DA ADORAÇÃO

*Deem graças ao SENHOR, porque Ele é bom,
porque a Sua misericórdia dura para sempre. Salmo 136:1*

Louvamos com gratidão pelas bênçãos do dia a dia, mas adorar a Deus vai além de um simples agradecimento. Adorar é reconhecer, com todo o coração, quem Deus é e o que Ele representa em nossa vida. A adoração nos afasta de nós mesmos, leva o foco do “eu” para o “Ele”, abrindo espaço para contemplar a majestade, o amor e o poder de nosso Criador.

No cenário natalino, somos convidados a recordar de modo especial o imenso amor de Deus revelado no nascimento de Jesus. O Natal celebra a vinda do Salvador ao mundo: Deus Se fez homem, humildemente nasceu numa manjedoura para oferecer salvação à humanidade. Neste tempo, nosso coração deve se encher ainda mais de adoração ao contemplar esse gesto supremo de amor e graça. O verdadeiro louvor nasce do coração rendido, que contempla as maravilhas do Senhor não apenas pelo que Ele faz, mas primariamente por quem Ele é: o Deus que Se fez presente entre nós para nos resgatar.

É na adoração que somos transformados. Ao lembrarmos do Deus encarnado, Emanuel, Deus conosco, nosso coração se enche de esperança, paz e confiança. O louvor abre as portas para que o Espírito Santo molde nosso caráter, concedendo-nos forças para enfrentar desafios e renovar nossa fé diariamente. Ellen White nos lembra: “Coisa alguma tende mais a promover a saúde do corpo e da alma do que um espírito de gratidão e louvor” (*A Ciência do Bom Viver*, 2021, p. 153).

Assim, a adoração precisa ser cultivada. Neste Natal, reserve momentos para contemplar o caráter de Deus, declare em oração a santidade Dele, cante louvores e permita que cada gesto de sua vida seja um ato de reverência e entrega. Praticar a adoração muda nossa perspectiva, ajuda-nos a enxergar Deus nos detalhes e a reconhecê-Lo como o Senhor de tudo. Que nosso coração se encha de louvor e gratidão, deixando a adoração transformar nossa vida em um testemunho vivo do amor e da glória do Pai. Decida hoje buscar mais a Deus no próximo ano e se preparar para o Seu breve retorno em glória.

Agora reflita: Será que temos dedicado tempo para adorar a Deus por quem Ele é?